



# A VELHICE QUE EU HABITO

IVONE GEBARA

CLARABOM

“(...) tenho aprendido muito com essa ativista que considero uma das maiores filósofas brasileiras da atualidade. Assim sendo, só posso recomendar este livro com muita insistência e agradecer a possibilidade deste novo encontro afetuoso e inteligente com essa pensadora, que modestamente se coloca, como afirma em suas próprias palavras, em busca de ‘algum reflexo da luz das estrelas hoje’, mas que, a meu ver, nos traz muito mais luz e esperança do que imagina!”

Trecho retirado do prefácio deste livro, assinado por Margareth Rago, professora titular do Departamento de História do IFCH da UNICAMP.

© Ivone Gebara, 2021

**Edição** TAINÁ BISPO **Preparação** LUCIANA FIGUEIREDO **Capa** DÉBORA LOPES SERRALHEIRO

**Projeto Gráfico** LUCIANA FACCHINI **Diagramação e Ilustrações** DÉBORA LOPES SERRALHEIRO

**Revisão** ALANNE MARIA E ALGO NOVO EDITORIAL **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)** Jéssica de Oliveira Molinari – CRB-8/9852

Gebara, Ivone A velhice que eu habito [livro eletrônico] / Ivone Gebara. – São Paulo : Claraboia, 2021.  
144 p.; ePUB

ISBN: 978-65-995069-2-5

1. Literatura brasileira 2. Envelhecimento 3. Filosofia 4. Religião 5. Mulheres I.  
Título 21-4709 CDD B869

Índice para catálogo sistemático:

# 1. Literatura brasileira

2021

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Claraboia.

Caixa postal 79724

CEP 05022-970

[www.editoraclaraboia.com.br](http://www.editoraclaraboia.com.br)

# A VELHICE QUE EU HABITO

AUTORA

IVONE GEBARA

ILUSTRAÇÕES

DÉBORA LOPES SERRALHEIRO

CLARADOM

À querida amiga  
Celina Bacellar Monteiro  
(In memoriam)

# PREFÁCIO: ESTRELAS QUE BRILHAM EM TEMPOS SOMBRIOS

Não tenho dúvidas de que olhar para o passado, ou melhor, para o próprio passado, exige muita coragem e ousadia. Afinal, trata-se de avaliar as escolhas pessoais, de examinar as decisões realizadas ou deixadas de lado, de colocar na balança os acertos e os erros, de procurar entender os próprios dilemas, conflitos, impasses, definições e atitudes. Trata-se, de algum modo, de um acerto de contas consigo mesmo e, então, não se admitem desculpas simples, frágeis ou banais. É um olhar-se no espelho, de preferência, a partir de uma relação de transparência: sem máscaras, franca e verdadeira que, aliás, se estabelece no momento presente.

Portanto, como diz poeticamente a professora e filósofa feminista, autora do livro que aqui apresentamos, contar-se é uma “aventura”, ao que acrescento, uma aventura que exige audácia. Como destaca Ivone Gebara: “O passado se foi no instante em que era presente. Por isso falar do passado é falar do tecido presente, misturado com alguns fios velhos, alguns meio desbotados, meio desfibrados, mas sustentando-se ainda ao sol do presente”.

Contudo, a paulistana Ivone, nascida em uma família sírio-libanesa, no coração da cidade de São Paulo, na década de 1940, já tem longa experiência na área, pois entre seus inúmeros livros, encontramos sua narrativa autobiográfica em *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. Vale destacar que assim como no presente ensaio sobre a velhice, naquele livro publicado em 2005 somos afetados por suas recordações misturadas às sensações, às cores, aos sons e às

imagens do passado, entremeados com os do presente, construindo um refinado ensaio filosófico e histórico sobre a liberdade.

Anos antes, em 2000, Ivone publicou *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*, livro que resulta de seu novo doutoramento forçado, se assim posso dizer, realizado na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Explico o termo forçado: não é que esta filósofa insubmissa tivesse tanto interesse em deslocar-se novamente para aquele país, onde já tinha estudado ciências da religião naquela universidade belga, além do doutorado em filosofia na Pontifícia Universidade Católica, em São Paulo. Mas, desta vez, foi uma iniciativa-revanche da hierarquia religiosa, digamos assim, em resposta à sua radicalidade, quando, por ocasião de uma entrevista concedida à revista *Veja*, em 1994, esta freira católica manifestou-se favoravelmente ao aborto.

A rebeldia tem seu preço e é ela mesma quem nos conta que foi chamada várias vezes pelo bispo do Recife para uma retratação pública, a qual se negou veementemente. Logo, foi a vez de a imprensa alardear quase que diariamente, durante algumas semanas, que a “freira do aborto” defendia muitas outras bandeiras feministas.

A punição não tardou a chegar: a professora e conferencista feminista e socialista, crítica da dominação capitalista e da cultura patriarcal, foi convidada pelo Vaticano, através de um processo aberto pela Arquidiocese do Recife, a retirar-se do país e a prosseguir seus estudos em teologia, novamente na Bélgica. Gebara narra a experiência dolorosa de conflito com os superiores hierárquicos religiosos, em uma de nossas entrevistas, realizada em 2008:

“...daí viajei para a Bolívia e no dia da minha chegada, já tinha saído um número da revista *Veja*, justamente depois de uma carta do Papa em que ele fala contra o aborto. Então, não esperaram nem eu chegar para rever a entrevista, já colocaram assim: ‘freira católica é a favor do aborto e fala contra a hipocrisia

da igreja, (...) que valeu o processo da Igreja Católica, que começou com o bispo, que é ainda o bispo atual de Recife (...) <sup>[1]</sup>”

Recordo, ainda, o espanto que causou, com seus olhos grandes e claros, mas sobretudo com suas posições políticas radicais e com a defesa da descriminalização do aborto, no já falecido apresentador Antonio Abujamra, em seu famoso programa “Provocações” na TV Cultura, tempos depois <sup>[2]</sup>.

Ivone viveu por muitos anos em Camaragibe, bairro da periferia do Recife, desde os “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira (1964-1985), dedicando-se à luta pelos direitos da população pobre e, especialmente, das mulheres; também lecionou Filosofia e Teologia no Instituto de Teologia do Recife, a convite de Dom Helder Câmara, então conhecido como “Arcebispo Vermelho” de Olinda e Recife.

Em seus inúmeros livros e artigos, traduzidos para diversos idiomas, estende sua profunda crítica às formas falocêntricas e misóginas que vigoram no interior da igreja e da religião, o que certamente não é tarefa fácil. Dentre eles, destaco: *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos: antologia de textos* (2010); *O que é Cristianismo?* (2008); *O que é teologia feminista?* (2007); *O que é teologia?* (2006); *La sed de sentido: búsquedas ecofeministas en prosa poética* (2002); *A mobilidade da senzala feminina (mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo)* (2000) e *Teologia Ecofeminista* (1997).

Além de muitos artigos publicados, Ivone, vinculada à associação feminista Católicas pelo Direito de Decidir, hoje bastante atacada pelas forças reacionárias, como sabemos, realizou inúmeras palestras para as mulheres de regiões economicamente pobres, as mais carentes de informação e de atenção, em toda a América Latina e em outros continentes, tornando-se uma figura internacionalmente conhecida e admirada.

Aqui, explorando sensível e poeticamente o tema da velhice, esta filósofa desconstrói a velhice, abrindo inúmeras possibilidades de interpretação, mirando para o alto a partir de uma claraboia, como adverte logo no início do texto, para refletir sobre a casa-corpo em que habita, perfumada com conhecidas plantas aromáticas. Explora imaginativamente o tema, criando espaços heterotópicos, valendo-me da noção de Michel Foucault, que potencializam o positivo, que nos permitem perceber outras possibilidades de existir e de viver um presente nada fácil. E com muita modéstia, conclui que “Na juventude, a gente tem receitas para muitas coisas. Na velhice apesar do aprendizado dos anos, a gente perdeu o caderninho de receitas”.

Não é exatamente o que penso a seu respeito, pois ao longo dos anos tenho aprendido muito com essa ativista que considero uma das maiores filósofas brasileiras da atualidade. Assim sendo, só posso recomendar este livro com muita insistência e agradecer a possibilidade deste novo encontro afetuoso e inteligente com essa pensadora, que modestamente se coloca, como afirma em suas próprias palavras, em busca de “algum reflexo da luz das estrelas hoje”, mas que, a meu ver, nos traz muito mais luz e esperança do que imagina!

Com enorme admiração,

# **MARGARETH RAGO**

Professora titular do Departamento de História do IFCH da UNICAMP.



# **A ABERTURA DE MINHA CLARABOIA**

Convidaram-me a abrir uma claraboia em minha história, minha casa, meu corpo. Uma claraboia que me ajudasse a enxergar e a partilhar momentos de minha longa trajetória: mudanças de rumo na construção

diária de minha vida, impasses, belezas e feiuras. Não sei se consigo, pois abrir essa claraboia deve ser obra minha. Afinal, eu sou a habitação que ela ilumina, eu sou o “barracão de zinco” por onde a luz entra.

Sou a velha, vivendo a velhice e forçando uma abertura para mostrar algo dela. Escolho o lugar certo no teto para a luz penetrar e eu ser capaz de captar de novo algo de meu mundo guardado. Numa espécie de monólogo ou de caça solitária, rememoro cenas, circunstâncias, emoções, perguntas, dúvidas e me mostro através da escrita. A sensação que me invade é a de quase ter que me desnudar para revelar algo sobre mim mesma, algo presente nos baús empoeirados de minha casa-corpo.

O que contar? O que escrever? Toda escolha comporta algumas razões. Nas escolhas deste livro entram as outras pessoas interessadas por algumas coisas de minha vida. Mas o que é mesmo que lhes interessa? Vou prescindir das possíveis respostas porque não posso tê-las no imediato. Por isso a claraboia construída em mim e por mim, muitas vezes, mostra o que outras pessoas esperam que eu mostre; outras vezes, surpreende-as. E, nesse processo de me dar luz, por vezes ainda sou objeto de desinteresse e até de crítica.

O que vejo em mim a partir do que permite minha claraboia é ainda surpresa para mim mesma. Os becos sombrios ou iluminados do passado se misturaram inevitavelmente ao presente, passaram pela peneira racional que me habita, pelos moldes que foram guardados em mim, pelos efeitos de aprisionamento e de ruptura que marcaram minha vida e que apareceram de alguma maneira.

Assim, às vezes, a luz que penetra de cima acaba dirigida para lugares em minha casa-corpo julgados importantes para o tempo atual e orientados para alguns interesses ou lutas sociais específicas. Em outros momentos, talvez sejam iluminadas narrativas obscuras, descontextualizadas, difíceis de situar e compreender. Essas narrativas

saem de mim até sem querer, porque são fortemente misturadas, amassadas, curtidas e respiradas no conjunto de minha obra-vida.

A claraboia, pelas inevitáveis sombras que produz, esconde muitos recantos da casa-corpo ou, mais poeticamente, de meu barracão iluminado. Não sei precisar quantos se deixam ver... nem quantos cantos permitem que minha voz, já meio rouca pelos anos, preencha-os de novo.

Por que aceitei escrever?

Sinto como se algo de minha história pessoal tocasse outras pessoas, porém sem que eu entenda exatamente os contornos desse toque. Talvez seja até certo narcisismo ou um contentamento em ser descoberta ou uma satisfação em contar coisas vividas, como fazem as avós que contam sua infância e juventude às netas.

Não sei com clareza como construí a casa-corpo que sou e como e por que algumas pessoas a consideraram interessante. Fui acolhendo a vida de cada dia, escolhendo um pouco, engolindo com certa indigestão o que não conseguia viver e entender. Andei por mundos diversos, vivi situações difíceis, chorei muito, fui brindada por grandes amizades que se tornaram parte de minha casa-corpo.

Ao mesmo tempo em que amo escrever, não gosto de exposição pública quando se trata de meus percursos interiores. Eles são cheios de muitas contradições, são movediços, obscuros, imprecisos. Muitas vezes, busco desculpar-me deles para estar bem comigo ou com outros. Da mesma forma, não creio que poderei expor os momentos passados como os vivi, mas apenas alguns caminhos com outras pessoas que me conduziram à estrada que sigo hoje, com as precárias e mutáveis interpretações da vida contemporânea.

Lembrar-me hoje do ontem é trazê-lo para as cores do hoje e, portanto, contar o passado sob as luzes do presente. O passado se foi no instante em que era presente. Por isso, falar do passado é falar do tecido presente, misturado com alguns fios velhos, alguns meio desbotados, meio desfibrados, mas sustentando-se ainda ao sol do agora.

Meu caminho teve muitos atalhos, ruas sem saída, avenidas movimentadas, ruas estreitas, becos escondidos, dias ensolarados, outros sombrios, alguns chuvosos. Desde criança, a cada manhã, um certo sentido de dever me invadia a mente e o coração. Não me deixava tranquila para apreciar por mais tempo o calor da cama ou para parar de olhar os ponteiros de um relógio chamado dever.

Dever, de-ver, ver o quê? O que devo? A quem devo? Por que devo?

Foram muitos os encontros e as descobertas desafiadores ao longo dos anos, que não os posso descrever com um mínimo de exatidão. Todos se misturam e se esbarram nas cronologias do corpo, nos buracos da memória. Aceito, então, os inevitáveis limites do contar-se como um recontar-se a partir de uma multiplicidade de momentos e condicionamentos. A história pessoal é um contínuo processo de contos que não consegue reproduzir de fato o acontecido tal e qual. É nossa condição. Nenhuma história é ciência exata. Não há ciência exata de fato. Inclusive porque a claraboia, por sua natureza, não pode iluminar toda a casa e contar o conjunto da história. Ela mostra cantos: sombreia, esconde, limita a visão e a compreensão também. É como se a casa-corpo contivesse paredes e alicerces invisíveis, velhas genealogias, sentidos herdados e criados, chegadas, partidas, acenos e despedidas. Uma mistura integrada, conflituosa, celebrada e à espera do desconhecido capítulo final.

Certamente, não escrevo sobre as penumbras que, no caso de minha casa, são mais amplas e numerosas do que a claraboia pode mostrar. Minhas penumbras são arrepios sagrados, êxtases de dor e alegria, instantâneos que mal se consegue apreender para descrever. São coisas que, às vezes, me alegram e me fazem sofrer, mesmo se apenas recuperadas como instantâneos da memória. São coisas que foram ou poderiam ter sido diferentes, mas as carrego arduamente como um desejo de reparar lugares e situações nas quais me sinto em falta de agir. O que eu poderia ter feito? É uma pergunta sem rumo, sem ação possível, talvez apenas um alerta para o presente.

Há gente do lado de fora de minha claraboia querendo enxergar o lado de dentro, o lado que é só meu. Alguns, às vezes, colocam binóculos e eu até temo esses olhares meio curiosos, fantasiosos e indiscretos. Veem o que não existe, interpretam falsamente, apropriam-se indevidamente, exageram nos elogios ou criticam o escrito achando que seu jeito de ver o mundo é bem melhor. Mas apenas eu sou a minha pequena casa-corpo, conheço algo mais do dentro e do fora, mesmo que parcial, imperfeita e seletivamente. Há outros olheiros especiais de fora, amigas e amigos que gostam da casa-corpo e querem descobri-la com ternura. A eles quero abri-la especialmente. Têm direito para tanto. Afinal não somos corpos uns dos outros, pedaços de uns e outros incrustados em nós, existindo juntos?

Assim, finalmente, entro no jogo das revelações a partir da claraboia, jogo de encontros e desencontros que apenas revelará um pouco do que foi a minha casa-corpo, meu barracão iluminado e o que ela ainda é hoje. Certamente, agora está meio descolorida, com alguns canos entupidos, furos no telhado, paredes com reboco precário; enfim, precisando de consertos até impossíveis. Talvez esteja mais exposta às intempéries do momento, mais segura/insegura, porém ainda capaz de abrigar alguns sonhos e até alguns sonhos comuns dos que dela se aproximarem.

A memória me auxilia, porém também pode trair o real, o que foi vivido. Mas o que é mesmo o real vivido? Seria um arquivo de verdades ou interpretações de interpretações?

A memória é uma extraordinária reinvenção de nós mesmos. Cada vez que nós nos contamos, nos reinventamos. Cada vez que nós nos contamos, mudamos um pouco a versão anterior sobre nós mesmos, como se quiséssemos nos corrigir, nos adaptar a novos tempos e aos novos conhecimentos de nós. Sem dúvida, parece-me que com isso provamos ou comprovamos a fluidez do tempo e do pensamento, seu inevitável passamento, sua incapacidade de reter o instante passado de forma fixa e imutável, sobretudo quando gostaríamos de descrevê-lo

com todas as cores e emoções de outrora. Não há arquivos fixos na memória como se pudéssemos reconsultar os velhos livros de uma biblioteca ou os anuários de revistas de cultura de séculos passados, nos quais seguiríamos a evolução escrita sobre um tema qualquer.

Por que e para que contar memórias?

Porque somos memória histórica por constituição biológica e antropológica. Porque herdamos memórias para viver e aprender. Para acolher a mutação da vida. Aprender do vivido o incessante fluir de todas as coisas. Para poetizar sobre belezas, feiuras, utilidades e inutilidades. Para que a história de nossas lutas não seja cortada de outras. Para que a gente perceba que recebemos e deixamos heranças que são e serão corpo da humanidade.

Introduzo-me lentamente nas minhas memórias, na aventura de contar-me ou talvez apenas de refletir sobre alguns instantâneos vividos como uma ocupação de velhice – e talvez seja por isso que eu esteja começando por uma narrativa sobre a velhice.

O JARDIM QUE LEVA À  
PORTA DE ENTRADA DA  
CASA-CORPO A LUZ QUE  
AINDA ATRAVESSA A  
CLARABOIA NO  
ENTARDECER DA VIDA ME  
FAZ AVANÇAR  
DEVAGARINHO PELOS  
LABIRINTOS  
DA MEMÓRIA. ANTES DE  
ENTRAR NOS ÁTRIOS DA  
VELHICE NOS QUAIS HOJE  
HABITO, IMAGINO-ME NUM  
JARDIM COM PLANTAS  
AROMÁTICAS CUJOS  
ODORES RECONHEÇO.  
SEMPRE GOSTEI DE  
PLANTAS AROMÁTICAS, DE

ERVAS CURATIVAS, DE  
FOLHINHAS PERFUMADAS.  
GOSTO DE TIRAR UMA  
FOLHINHA E ESFREGÁ-LA  
NA MÃO PARA GUARDAR  
SEU CHEIRO POR MAIS  
TEMPO EM MINHAS NARINAS  
E, ÀS VEZES, GOSTO DE  
MASTIGÁ-LA PARA SENTIR O  
SEU SABOR. CADA  
FOLHINHA TEM SEU CHEIRO  
E SEU SABOR. MISTURAM-SE  
À COMIDA QUE A VIDA  
OFERECE COM SUAVIDADE  
OU COM INTENSIDADE.

Dou os primeiros passos para dentro da casa-corpo. Como escritora de velhas memórias, sinto-me habitada pelos odores de minhas

plantinhas, por belezas e por incômodos vazios em minha história, como se eles me perseguissem e pedissem para preenchê-los.

Por que preenchê-los?

Poderia terminar a vida sem fazê-lo. Poderia apenas aceitá-los como vazios, como brancos de minha memória. Os vazios sempre existem e talvez a maioria das pessoas nem se incomode com eles. Diante de perguntas explicativas sobre o passado, algumas contentam-se com um “não sei”, “não me lembro mais”, “nunca soube”, “não quero saber”. Outras, como eu, têm uma forma de curiosidade colada à carne, entranhada na própria história, uma curiosidade das origens próximas e remotas. Querem compreender razões e porquês, como se a arqueologia de sua história influísse diretamente em seu presente e as incitasse a buscar razões dos passos dados muito mais como hipóteses do que como certezas reais. As hipóteses são belas: excitam a imaginação, fazem buscar probabilidades, mas não contêm grandes certezas. Quem as busca carrega em seu corpo uma história maior que a pequena memória familiar imediata, busca algo que foi gravado no cotidiano passado e que vive como pegadas meio apagadas, porém com vestígios que suscitam perguntas. Histórias e estórias que vão além dos rótulos familiares “ela era assim”, “foi isso que fez e disse”!

As hipóteses sobre nós mesmas são belas e múltiplas. Talvez algumas sejam infundadas, inventadas ou remodeladas. São também misteriosas e buscam preencher de forma imprecisa os vazios, como se não aguentássemos a desorientação do “não sei” ou a desorientação causada pelas incompletas lembranças.

Retomar a nossa história para sentir a conexão com o passado e para entender algo do que sigo vivendo é um desafio. Acordar as remanescentes e arcaicas lembranças que invadem o presente é um desafio da escrita subjetiva que me atrai e inspira.

A escrita torna-se então poesia, psicanálise, literatura, arqueologia poética, invenção e consolidação de sentidos passados e presentes.

Uma combinação talvez esdrúxula de muitas coisas, porém marcada por um poder curador, reconciliador, pacificador e criador.

Salvar-se de demônios escrevendo.

Exorcizar medos escrevendo.

Lembrar-se escrevendo.

Amar-se escrevendo.

Amar escrevendo.

Reinventar-se escrevendo.

Poetar sobre o passado e o presente para colher flores e oferecê-las em forma de letras inspiradas numa confissão de vida que corre para seu final.

# UMA NARRATIVA SOBRE SI

É de manhã, quase seis horas, ainda está meio escuro. Depois do café bem quentinho venho puxar a corda que abre a claraboia. Preciso de luz e ar fresco. Parecia difícil movê-la, me doem a mão e o braço, como se tivessem um peso incomum. Faz parte do ser das claraboias às vezes resistirem ao serem abertas. Emperram! Enfim, com pequeno esforço consigo. Talvez seja preciso acordar com mais ternura as forças matinais para obter bons resultados.

O silêncio da rua me habita e me inspira. Ao longe ouço também um cão que late meio desesperado. Será que algo o atormenta? Estaria saudoso da dona que se foi? Gostaria até que ele silenciasse seus latidos para eu me concentrar nos meus pensamentos.

Deixando de lado as preocupações caninas, me ponho a pensar e experimentar algo da memória de minha velhice. Como foi mesmo que me descobri velha?

Comecei a me descobrir velha nas atitudes dos outros. Foi uma sensação estranha, mas, ao mesmo tempo, uma situação real, vista e anunciada pelos outros antes mesmo que eu me desse conta dela. Fui surpreendida por minha própria velhice através de outros como se ela me dissesse “Estou aqui e você nem se deu conta”. Busco no reino da memória como essa descoberta me aconteceu. Quero dar-lhe uma forma mais ou menos concreta como se fosse um desenho ou um documentário que eu poderia descrever com mais facilidade para ser compreendida. E algumas cenas, para além da cronologia, surgem e me ocupam com caras, cores, gestos, ruídos e falas que se misturam desordenadamente em mim sem nenhuma ordem precisa. Escrevo-as como pistas de descobrimento de minha condição atual.

Um dia eu ia atravessando uma movimentada avenida na cidade de São Paulo e uma jovem se aproximou de mim e segurou meu braço

dizendo “Vou pra lá com a senhora, na sua idade é perigoso atravessar essa avenida sozinha”. Depois de termos atravessado juntas a avenida, senti-me muito grata, embora me sentisse com força e atenção suficientes para atravessá-la sozinha.

Outra vez, encontrei um homem meio grisalho numa conferência e ele me disse “A senhora se lembra que fui seu aluno no Recife, mais de trinta anos atrás?”. Não me lembrava dele, mas apenas do meu tempo de professora. Trinta anos atrás! É muito tempo e nesse tempo eu já era professora! Como era eu como professora? Sempre gostei de ser professora, sobretudo de ajudar alunas e alunos a pensarem o que pode parecer óbvio, mas de fato não é.

Há um ano, um grupo de senhoras, todas com mais de cinquenta anos, encontrou-me pela internet. Tinham sido todas minhas alunas num colégio estadual em São Paulo, no qual por um tempo ensinei filosofia. O encontro nos levou uma vez a uma lanchonete e outra vez a uma sala virtual. Não me lembrava de nenhuma delas, mas elas se lembravam de mim. As “meninas” de antes tinham desaparecido de seus rostos e de seus corpos. Diante de mim estavam senhoras, algumas até avós. Só me lembrei de que me conheciam quando recordaram textos de livros e comentários das aulas que lhes ministrei. Entretanto, nos encontros que tivemos elas diziam “Professora, a senhora não mudou, só tem agora os cabelos brancos e algumas rugas!”. Ah! Mas eu também mudei e vocês não sabem o quanto! Sou e não sou o que fui!

Um dia, encontrei com uma vizinha que tinha com ela seu filho de cinco ou seis anos. Conversávamos num canto de rua sem nos dar conta da presença do menino. Então, ele olhou para mim, puxou meu braço e perguntou “A senhora tem filho para eu brincar?” Não, meu querido, eu não tenho filho. E ele meio atônito e espantado com minha resposta disse “E quem vai cuidar de você quando for bem mais velhinha, mas bem, bem mais velhinha?”. Sorri para ele: não sei, mas se você quiser cuidar de mim eu aceito.

Descobri-me primeiro velha através dos outros e sigo me descobrindo assim através de muitos gestos de solidariedade, de ofertas de ajuda de todos os tipos que me chegam periodicamente de uns e outros. Eu, velha, sou primeiro idosa para os outros.

Como é ser velha para mim mesma?

Preciso de mais luz entrando pela claraboia para expressar sentimentos pessoais de velhice. É difícil, muitas vezes, falar do presente, do atual, do imediato tentando captar nossa subjetividade tão cheia de turbulências, defesas, armadilhas e de instantâneos. Por isso, entro nessa aventura devagarinho.

Sei que tem muita gente velha que não gosta de ser velha. Acho que gosto de ser a minha idade. Dá uma sensação de ter um vasto álbum de aventuras, de memórias e, entre elas, a de ser reconhecida como uma velha libertária e feminista. Estranho afirmar-me como velha feminista quando o feminismo é ainda tão novo e tão criticado e polemizado!

Velha é uma palavra identitária que cria múltiplas interpretações e sentimentos. Cria proibições, permissões, penas, medos, direitos, além de dores e fraquezas físicas, às vezes, incontornáveis. Mas ousou dizer que cria também muito mais do que isso! Quero contar algo do “mais que isso”, embora esse “mais” seja misturado de muitas coisas um pouco difíceis de distinguir para entender e partilhar. Cada velha vê o mundo diferente de outras velhas. Cada uma direcionou seu olhar e seus sentimentos de um jeito e não é fácil encontrar pontos comuns na percepção do presente de quem vive o envelhecer.

Sinto o realismo da vida na forma da não realização dos objetivos de muitas lutas. As injustiças sociais que eu acreditava que podiam ser suprimidas, talvez até com receitas teóricas a serem seguidas, continuam como feridas abertas, que sangram. Corpos continuam violados e violentados. O sonho de uma “terra sem males” parece muitas vezes um sonho impossível para a velha que sou. A história não tem o final feliz que imaginávamos nos anos setenta! Por isso me abraço

à mistura da vida, acolho-a como realidade, como única possibilidade, e tento perceber seus pequenos encantos.

O meu olhar de velha, apesar dos óculos de grau que uso, tem sempre sombras, por vezes tão intensas que me impedem de enxergar belezas. Porém, com um esforço de lucidez consigo envolver a beleza com as feiuras, a música suave com ruídos ou lamentos, o abraço da chegada com o da despedida, como se não conseguisse apenas ficar no quadro belo ou no quadro feio. O quadro, por fim, é complexo; chama ou atrai a tristeza, que chama de novo o convívio da beleza e da feiura. Mas o que é mesmo a tristeza de uma velha? É talvez um ingrediente misturado a todos os sabores da vida, ingrediente que vive em nós e que tem que ser acolhido como o fermento que leveda uma massa.

A velhice tem algo a ver com o tempo que parece correr rapidamente apesar de uma certa monotonia dos dias que pode nos acometer. É que o tempo do desejo ou dos sonhos quando se está na juventude parece longo, um tempo que sempre dá tempo. Pensamos naquilo que vai chegar, conjugamos o “há de vir um tempo bom” com renovada força e coragem como se fosse apenas um pouco mais adiante.

O tempo do sonho da velhice pode parecer cheio de mesmice e tem algo de imediato. Quer ser agora e sempre agora. O doce bom tem que ser comido hoje. Amanhã não o terei. A comida boa tem que ser preparada e oferecida agora como se o tempo fugisse para outro tempo ou como se o tempo terminasse neste tempo. Postergar encontros agradáveis e denúncias de injustiças custa muito!

As mulheres têm que ser respeitadas hoje! Os famintos devem comer agora! As crianças têm que ter escola já! O fato de se ter menos ocupações urgentes durante o dia e menos tempo para projetos de vida me envolve com uma ansiedade às vezes até doentia. Não sei se todas as velhas e velhos experimentam isso, mas eu vivo algo parecido com o que estou escrevendo.

Acho também que na velhice sinto tristezas de diferentes maneiras. Sinto-as em mim, sobretudo as provocadas pelos outros que não conseguem viver um mínimo de uma vida digna. De repente, uma multidão de pessoas me habita, grita e chora em mim. Ser velha é ser um pouco multidão de abandonos, multidão de dores, de fomes, de lágrimas na impotência de, de fato, poder enxugar as lágrimas. Sinto a dor de uma velha desdentada que ganhou uma maçã bem vermelha de presente. Não podia mordê-la e saborear seu gosto. Apenas a beijava e sentia seu cheiro. Às vezes, sinto-me como ela quando estou diante de diferentes situações e urgências.

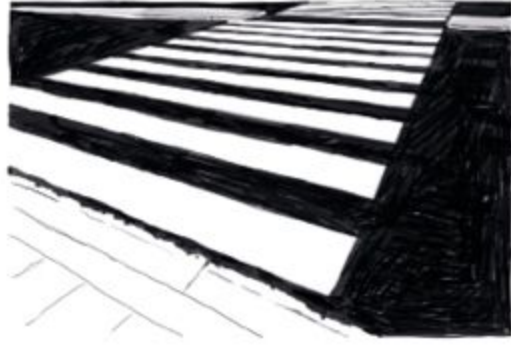
O mundo dói em mim, sempre doeu. Mas agora é como se não pudesse mais buscar bálsamos sanadores eficazes. Não tenho mais receitas prontas para oferecer. E nem sei bem onde buscar as ervas boas e preparar unguentos.

Ser velha é lembrar-se de muitos momentos de sua história, como se fossem uma colcha de retalhos soltos e cujos fios que antes costuravam um pedaço no outro já não se consegue mais refazer. Acabamos misturando os retalhos, desencaixando-os de sua posição original, ajustando talvez pedaços de um lugar em outro diferente. A colcha aparece como uma composição híbrida, quase surreal, embora tenha certa beleza na nova acomodação dos pedacinhos de um pano florido.

Ser velha é algo disso, mas bem mais do que isso. No momento, carreguei mais as cores do passado do qual me lembro no momento. Porém, minha velhice hoje é mais do que só memórias. Vou completar em breve 77 anos e ainda vivo uma atividade intensa que seria impensável anos atrás. Escrevo, dou aulas, acompanho os mais diferentes grupos. Há três anos, comecei a participar do grupo de teatro Companhia do Tijolo, organizado por jovens adultos. Tenho refletido com elas e com eles e aberto meu mundo para outros lugares e outras perspectivas. Há novidades que irrompem na velhice!

Hoje, é o que consegui ver da velhice sob a luz matinal da claraboia. Agora, já é noite. A claraboia não emite mais raios de luz. O vento frio e

o cansaço me incentivam a fechá-la devagar para que se abra sem dificuldades num outro dia. Através dela ainda posso ver, ao longe, estrelas brilhando e me desejando boa noite.



# UMA NARRATIVA SOBRE OS OUTROS

Enfrento tristemente a velhice de amigos, amigas e familiares. É, de certa forma, nosso tempo comum, apesar das diferenças. Sentimos dores semelhantes e distintas. Alguns têm a minha idade, outras e outros são um pouco mais velhos. Estão vivos, mas chego a sentir que, em certo sentido, os perdi. Estão e não estão mais presentes na medida em que grande parte do vínculo com o nosso passado comum se foi. Partilhávamos as mesmas lutas libertárias no vigor da juventude e da idade adulta, lutas que hoje parecem esquecidas na memória ferida pela doença e pela idade. Ainda somos o que somos, mas não mais o que éramos, estranha conjugação do verbo ser. Um tempo pretérito imperfeito num presente sem tempo verbal exato. Tempo de lamento para alguns, tempo de nostalgias, de pequenos sonhos e tempo sem tempo para outros.

Sei bem que, apesar de tantas perdas e pesares, nosso envelhecer é mais cuidado do que o envelhecer de tantas e tantos que estão literalmente abandonados à indigência ou às migalhas que alguma instituição caridosa possa lhes oferecer. Ser velha pobre continua a tragédia de ser uma criança, um jovem e um adulto pobre num mundo desigual e dominado por privilegiados. Uma tragédia mantida por um sistema de desigualdades sociais que resiste a todas as tentativas históricas de lutar contra ele. Parece que a tragédia da desigualdade social persiste apesar da crença de que poderíamos erradicá-la.

Escrever de novo sobre isso... talvez jovens leitoras e leitores não tenham nenhum interesse nessas elucubrações que as velhas e os velhos amam repetir. Mas ousa crer que para além da condição social

de penúria da maioria de velhas e velhos, para além da distância dessa condição que se experimenta na juventude, há um aprendizado real que deve ser enfrentado para nos lembrar das inevitáveis etapas da vida. Talvez escrever sobre a velhice ou sobre o envelhecimento sirva para regular nosso orgulho, nossa intransigência diante de muitas situações, nosso dogmatismo analítico, às vezes, sem concessões, e nosso puritanismo político frente às contradições da história presente. Talvez sirva para aprendermos algo mais sobre a diversidade dos seres humanos nas suas diferentes culturas e fases de vida e sobre a necessidade de uma solidariedade maior em todas as idades. Talvez sirva para despertar alguns bons sentimentos, tentativas de ouvirmos umas às outras e não quisermos apenas valorizar aquilo que nos toca a partir de nossos interesses.

Enfrento diariamente as consequências do Alzheimer de minha tia, irmã de minha mãe. Ela vive num tempo determinado por outras pessoas. Tempo de comer, dormir, levantar-se, banhar-se, brincar com a boneca ou com a bola. Misterioso tempo que a torna apenas sujeito de cuidados, sujeita ao tempo de outros, tempo que roubou sua memória deixando-lhe apenas brevíssimos instantâneos de consciência. Diante dela, sinto-me uma velha jovem. Com ela, sou eu que pratico o cuidado com outras pessoas e esse cuidado, de certa forma, me rejuvenesce porque revela minha força e me conecta com uma geração anterior à minha. É como se eu não fosse a primeira das mais velhas da família, é como se minha velhice se deparasse com uma velhice ainda maior.

Como a criança que ainda não tem uma história sua, algumas formas de envelhecimento fazem com que as pessoas não tenham mais história presente pessoal. Sua história é uma sobrevivência mantida por outros, de modo que se torna ocupação e cuidado de outros, parte da história de outros, parte da manutenção financeira de outros. Vivem fazendo viver os outros. Vivem voltando a ser quase crianças sem os encantos e sem as promessas que advêm dessa condição, proporcionando sobrevivência para outras. Há algo de desafiador

nessas presenças-ausências. A imagem que me vem é a de uma vela acesa prestes a se apagar. Trêmula, quase se apagando, e de repente reascende sua tênue luz e segue esperando a chegada de um vento mais forte que a ajude a se apagar.

Algumas de minhas velhas amigas feministas estão mais ou menos nessa situação. Embora eu tema essa realidade, devo reconhecer que ela é também parte de nosso futuro presente, aquele que não queremos e tememos. Aquele através do qual somos o futuro que não imaginávamos que seríamos. Tornamo-nos frágeis, vivendo cada dia à espera do dia seguinte como se estivéssemos em uma corrida para um final comum.

A precariedade da vida se revela com força. Sinto-a em mim e nas amigadas outrora cheias de vigor, capazes de lutar contra gigantes poderosos e variados. Pouco se retém do passado, apesar dos ventos nostálgicos de velhas esperanças. Um dia, um amigo muito querido, envelhecido antes do tempo, antigo professor e psicanalista, disse-me que estava lendo *A divina comédia*, de Dante, e eu, maravilhada com sua escolha literária, perguntei o que estava retendo dessa leitura. Ele respondeu com muita convicção “Ora, Ivone, a divina comédia da vida”.

Muitos de nós nos sentimos como que exilados em terra estranha. Parece que não cabemos mais nesse mundo, tornamo-nos exceções às novas regras de conduta e interpretação da vida. O mundo parece andar bem mais depressa que nossos passos. Enveredou-se por caminhos imprevisíveis, foi mais longe que nossos antigos sonhos de amor e justiça. Nossa linguagem parece inadequada à nova linguagem dos tempos de hoje. Às vezes, até a língua que aprendemos a falar nos parece estranha demais para ser compreendida. Novos sons, aglomerados de siglas, de palavras estrangeiras, de emoções desconhecidas que exigem sempre tradução em vista da precária compreensão que temos. Frequentemente somos convidados por nós mesmos a silenciar para não atrapalhar o ritmo das conversas dos mais

jovens, para não pesar nas traduções, para não ter que sentir a pena que sentem de nós.

Nós, velhas amigas e amigos, ainda caminhamos juntos. Ainda esperamos notícias uns dos outros. Trôpegos, ansiosos, abrigamo-nos na poesia, nos ofícios de casa, nas boas leituras mesmo que amanhã tenhamos que recomeçar a ler o capítulo que já havíamos lido ontem.

Uma amiga me confessou que, antes de ser velha, ela acreditava que, na velhice, teria tempo de ler tudo o que não pudera quando trabalhava como enfermeira num hospital. Acumulava livros para ler na velhice. Agora me diz “Tenho todo o tempo para isso, mas tenho também cansaço, inconstância na leitura, me perco na história e depois me acho e sofro porque esqueci parte da trama”.

Apesar dos limites, no entanto, há beleza no pôr do sol e há também beleza no pôr do sol da vida, apesar das inevitáveis apreensões. O pôr do sol é necessário para anunciar que outro dia nascerá. A beleza da solidão habitada por uma multidão de memórias atesta o caminho que fizemos. Continuo a procurar belezas, mas de um outro jeito. Não há receitas. Cada uma descobre os anseios do próprio coração na precariedade de cada dia e cada dia é diferente do outro.

Converso todas as semanas por Skype com uma velha amiga, outrora professora e historiadora. O mais importante para ela atualmente, além de me contar sobre suas doenças, seus remédios, seus novos achaques, é lembrar das boas amizades que fizera ao longo de sua vida. Entro nas suas lembranças como se fossem as mais importantes do mundo, ouço-a falando do que foi e do que não é mais. Entretanto, não deixo de sentir um fundo de tristeza ao ver seu mundo tão reduzido e muitas vezes repetidamente preenchido pelas mesmas histórias do passado. Queria poder contar-lhe mais coisas sobre o que vivo, mas ela ouve mal e não consegue entrar nas ondas de minha transmissão. Sei que envelhecer é assim mesmo: captar a redução de seu mundo e passar a se preocupar principalmente com seu conforto imediato nesse mundo redimensionado. Porém, as velhas e novas

pequenas alegrias ainda desenham sorrisos no rosto e isto é bonito de ver.

Sem perceber, o mundo do imediatismo vai se tornando o primeiro mundo de nossa história atual de velhice, embora ainda participemos de muitas coisas desafiadoras. Sem dúvida há sempre exceções, mas, mesmo nelas, há sentimentos e dores que envolvem perdas e uma espécie de afinamento no que é imediato, como se quiséssemos reter a vida, como se algo nos escapasse dessa individualidade precíval que é a nossa.

A luta intensa pela vida que outrora era sentida como uma responsabilidade cotidiana, sobretudo através do trabalho, sai do cenário, sai da rotina, sai da mente e entra numa espécie de vazio em que precisamos inventar ocupações, preencher o tempo, nos sentir úteis e evitar o tédio. O mundo capitalista inventou muitas atividades para idosos, mas nenhuma que preencha o vazio que se apossa de muitos de nós.

O que é mesmo este vazio que poucos ousam enfrentar e partilhar?

Parece contraditório falar de vazio. Vazio é nada. Mas o vazio da velhice é uma espécie de tudo e de nada, uma longa estrada a partir da qual vislumbramos um abismo, um buraco sem contornos definidos, ainda que indique que para além já não há mais caminho. “É o fim do caminho” depois dos “paus e pedras”, das lágrimas e risos e das pequenas flores das muitas estradas.

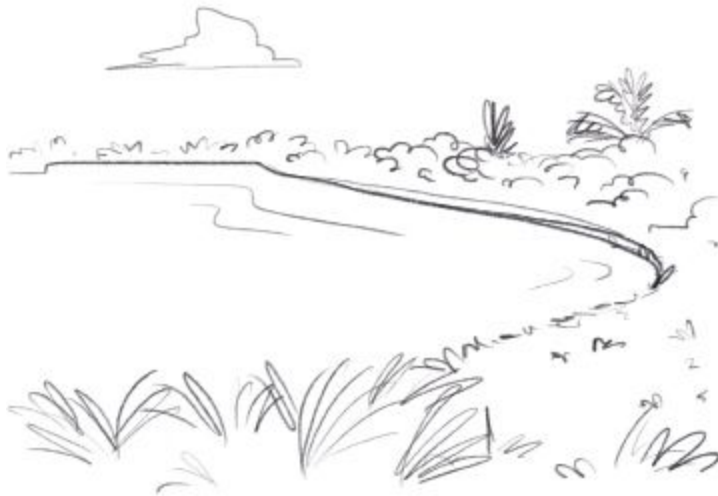
Outra noite, fui ao aniversário de minha sobrinha-neta. Éramos oito a jantarmos juntos num restaurante japonês. Quatro jovens se sentaram a uma mesa e quatro adultos em outra, duas idosas entre eles. Não havia conversa entre as duas mesas. A mesa dos jovens era acompanhada pelos celulares, pelos risos e pelos discretos abraços. Praticamente não existíamos uns para os outros. Eles escolheram seus pratos e nós os nossos, sem dúvida diferentes. No fim, nós pagamos a nossa conta e a deles, evidentemente. E não houve algo de diferente, talvez mais intenso que pudesse ser testemunha de que estávamos

vivendo na mesma história. Será mesmo que estamos numa mesma história? Será que sempre foi assim e eu me esqueci? Creio que na História há diferentes histórias e podemos vivê-las concomitantemente e de diferentes maneiras sem que nos fechemos cada um no seu casulo. Naquela noite, voltamos nós, as velhas, para casa com uma experiência de vazio... É um vazio cheio de perguntas porque não conseguimos nos aproximar, propor trocas, talvez estivéssemos acanhadas na companhia dos mais

jovens. Vivemos uma separação intergeracional e parece que o mundo das tecnologias, da comunicação e do divertimento nos separa ainda mais. Essa situação me

preocupa e ocupa. Gostaria de viver num diálogo maior e mais frutuoso. Gostaria de que pudéssemos aprender mais uns com os outros. Mas sempre espero que os mais jovens comecem a aproximação como se eu tivesse medo de ter a minha iniciativa frustrada. Quem virá em nosso auxílio? Como abriremos novas conversas, novas trocas em vista de uma vida mais solidária? De quem será a ousadia de começar a romper o muro?

Não há receitas. Não há o primeiro e o segundo a tomar iniciativas. A atenção mútua se faz necessária e não quero repetir as polarizações entre jovens e velhos que nossa cultura tenta nos impor.



## O ESQUECIMENTO

Quando já estava escrevendo essas memórias reflexivas, minha editora lembrou-me de um livro que escrevi há quase vinte anos, *As águas de meu poço*, publicado em português pela Editora Brasiliense, em 2005. O livro fora escrito a pedido de uma editora belga (Éditions Mols) depois de eu ter vivido conflitos com as hierarquias religiosas sobre minha postura feminista em relação a diferentes questões. A editora propunha que eu traçasse um percurso da história de minha liberdade. Eu deveria

apreender em mim mesma minhas experiências de liberdade. Sem defini-las segundo muitos teóricos, propunha-me a expressar vivências que tivessem sido para mim episódios concretos de experiências de liberdade. Propunha-me a olhar para o concreto da vida para ajudar leitores e leitoras a se reencontrarem nos nomes dos valores que buscamos, como liberdade, justiça, igualdade. Essas palavras tornaram-se conceitos universais nos quais entrávamos e nos perdíamos de nossas próprias experiências pessoais. Eram usadas muitas vezes como palavras clichês que impediam reflexões experienciais sobre o que vivíamos e nomeávamos através delas.

Hoje, folheei, assustada, o livro e confesso com espanto que eu, que tinha escrito o que escrevi, não me lembrava mais do que tinha escrito. Nem me lembrava que o prefácio havia sido escrito pelo meu querido professor da Universidade Católica de Louvain, Adolphe Gesché, membro da Sociedade Teológica Internacional e orientador de minha tese de doutorado em Ciências da Religião. Como pude esquecer? E agora, será que vinte anos depois estou me repetindo? Ou será que estou apenas dando uma nova versão do que já contei? Essas questões tornaram-se um desafio para mim.

Além disso, fiquei um pouco preocupada com a imagem de mim mesma, imagem que poderia ser vista como narcisista e que se repetia agora em mim convidada a contar-me de novo. Será que recontar-se ou contar-se desde outra perspectiva vale a pena? Creio que temo a palavra narcisismo porque aprendi a usá-la como algo negativo, como algo quase desviante. Narciso, segundo o mito, enamorado de sua própria imagem, só vê o seu reflexo nas águas profundas em que se olha. E, tomado assim, dizem que cai, se afoga e morre.

Esse afogamento do eu no próprio eu é o outro lado da perdição que se manifesta quando só nos espelhamos nos outros, só escrevemos o que os outros já disseram ou o que outros aprovaram. A perdição nos outros é por vezes considerada erudição e conhecimento profundo. Cada frase vem acompanhada de citações bibliográficas que apoiam

uma e outra afirmação ou apenas discutem sua afirmação, e a tal ponto que já não se sabe o que pensa a escritora. O autor ou autora apenas expõe um problema e aprende a agenciar seu pensamento em relação aos pensamentos de outros autores. Tal procedimento sempre me incomodou, pois me afogava nas infindas discussões de justificar as posições tomadas.

Não seria esta forma de escrever também narcisista?

Aqui também inevitavelmente eu tenderia a mostrar meus conhecimentos e meu aparato científico, como se costuma dizer nos círculos intelectuais. No fundo, não fugimos de nós mesmos. Somos nosso próprio solo, nossas raízes fincadas na terra maior, regadas pela água dos céus também maior, mas medida segundo nossas necessidades. Nossa subjetividade múltipla é nossa condição!

No programa *Roda Viva*, da TV Cultura, que foi ao ar no dia 6 de setembro de 2021 com a presença da escritora e intelectual Conceição Evaristo, perguntaram-lhe por que não escrevia uma autobiografia e ela respondeu, entre outras coisas, que, em geral, as autobiografias eram narcisistas, mas que talvez, segundo sugestões, pudesse escrever algumas memórias.

Mais uma vez, quase temi Narciso em mim. E nesse medo percebi que todos os meus, os nossos textos, mesmo se forem romances policiais ou descrições de doenças, envolvem meu eu, minha circunstância, meu olhar do mundo. Mesmo quando meu aparato científico aparece mais do que meu pensamento próprio, não fujo do sujeito que sou eu. A objetividade é sempre, embora em diferentes medidas, marcada por nossa subjetividade. Por isso, gostaria de não ter medo de Narciso, não ter medo do eu que se revela e se constrange porque se revela. Não ter medo do eu que mostra seu solo poético, suas dores e suas expectativas em relação à vida e em especial na velhice. Seriam também narcisistas os sambas, as canções, as sinfonias?

Cada Narciso está em e reflete outros tantos que se encontram e se desencontram nele. Por que hierarquizar a tal ponto os saberes? Por

que classificar, temer e julgar? Acho que quem revela “o pedaço perdido de mim”, como Chico Buarque, dá coragem para que eu fale também de meu pedaço perdido. Creio que “o viver e não ter vergonha de ser feliz” cantado, canta também em mim, talvez em outro ritmo e outra circunstância? A poesia ressoa, ecoa em nossas individualidades, fala com elas, vive nelas. A poesia me nutre na individualidade da rima dos poetas e poetisas que reverbera em mim.

Não quero ter medo de Narciso porque não permitirei que ele se afogue em si mesmo. Narciso morto já não é Narciso; Narciso sem as águas que o espelham, sem os outros não é Narciso. Não quero ter medo de Narciso, pois o sou e não posso deixar de sê-lo de muitas maneiras.

De fato, estou velha e conto de novo o que já contei. Mas agora de outro lugar e de outro jeito e em outro tempo. Saio das buscas nas “águas de meu poço” das pedrinhas azuis da liberdade e deixo-me iluminar por uma claraboia. Através dela vasculho talvez os mesmos lugares, mas encontro novos jeitos de expressar meus encontros e minha saudade. Encontro agora outras peças empoeiradas, outros cantos escondidos que há vinte anos não me apareciam como significativos. Ousarei olhá-los de novo? Ousarei partilhá-los dentro dos limites de minhas palavras? Gostaria de dizer sim mesmo com o grande risco de repetir-me. E se assim for, perdoem-me: é coisa de velha!

# AS AMIZADES DA ALMA

Quem me despertou nesta outra manhã foi uma brisa suave misturada de luz provinda da claraboia.

Uma luz indiscreta iluminou uma parte de mim e fez emergir a presença de muitas pessoas em minha memória. Eram as minhas grandes amigas, aquelas que fizeram parte de minha vida privada em diferentes períodos de minha história. Todas vinham desfilando uma a uma sem cronologia exata no palco de minha memória. Senti-me muito contente com essa invasão afetiva inesperada e deixei-me levar por ela, preenchida por uma imensa gratidão.

De fato, minhas amigas são lindas! Com elas, partilhei preocupações, planos, dúvidas, medos e celebrei a vida em torno de uma mesa. Entre mulheres e homens, conto umas vinte amigas da alma. O número não é preciso, mas aproximado, talvez para mais.

As grandes amigas, exprimindo-me numa linguagem poética e talvez até meio religiosa, são as amigas da alma. Amigas da alma são as que permitem a exposição de seus demônios, de seus anjos, dos infernos e céus de seus desejos, de sua história feliz ou atribulada naquele momento exato. Amigas da alma porque a alma é o lugar secreto de nossa intimidade, onde nossa força vital aparece em suas contradições, paradoxos, misturas. Alma, como sopro vital, como palavra para expressar a intimidade que dá suporte à nossa exterioridade. Alma pura, impura, cheia, vazia, mortal, imortal, alma misturada em nossas misturas corporais mais diversas. Alma tão nossa, tão interior que às vezes nem conseguimos ter acesso a ela.

As amigas da alma sem julgar, sem te impedir de ser o que estás sendo, te ouvem, te dão a mão como se fosse uma corda segura e terna entregue como apoio. As amigas da alma são um espécime especial de amigas e amigos, aqueles que ficam habitando todo o tempo de tua

vida mesmo quando já não estão por perto. Dão uma substância especial à palavra amizade tão vulgarizada em tempos atuais. Dão uma densidade sublime aos encontros do passado e do presente que marcaram a vida e agora voltam em forma de ação de graças.

A tênue luz proporcionada pela minha claraboia me fez ver de novo os rostos de cada uma. E, enquanto se mostravam em meu pensamento e eu lembrava delas em doces reminiscências, veio-me à mente o verbo conter. Foi isso que senti de especial nessas amizades, além da ternura recíproca. Eu podia conter suas vidas e elas, por sua vez, ao conter na minha, me continham. Estranha sensação e estranho verbo para falar das amizades da alma. Ser contida por alguém no sentido de receber suporte, de ser amparada nos arroubos de ira contra o mundo, no desespero, nas alegrias secretas, nas lágrimas. Conter, ato de contenção, ato de impedir que o caldo da vida se derrame inutilmente frente a uma situação trágica ou a um sonho impossível. Contenção discreta dos arroubos desmedidos, das decisões apressadas e inoportunas. Contenção para recordar os limites das paixões e acalmar os ânimos. Contenção pela escuta sem julgamento prévio, sem tomar a decisão pela outra pessoa, mas ajudando-a a discernir e assumir sua vida. Contenção da tensão da vida quando o desespero nos assola frente a problemas aparentemente insolúveis ou às monotonias aprisionantes do cotidiano.

Algumas amizades contêm as nossas almas, contêm aquilo que é naquele instante o mais importante de nós, o que nos toma as energias e nos faz ser mais do que nós mesmas. Elas nos ajudam e apenas nos deixam de novo simplesmente ser. Elas nos acompanham no cotidiano mesmo distantes de nós fisicamente.

Minhas amizades de contenção foram mais mulheres do que homens, se situavam em mundos de buscas semelhantes às minhas, algumas com idades perto da minha, porém, na maioria das vezes, um pouco mais velhas do que eu. As amizades da alma podem ouvir-nos falar de nossos vícios, das gulas, das invejas, das dúvidas, das angústias,

dos medos, do desperdício da vida que vivemos. Não precisamos mostrar a elas só o nosso lado luminoso. Elas são capazes de conter as nossas sombras e entrar em reciprocidade de experiências de vida. Não nos julgam mesmo quando discordam ou quando nos fazem perguntas e propõem veredas em vista de possíveis mudanças. Nos reconhecem e nos valorizam como somos sem esperar que sejamos diferentes.

As amigas da alma não se tornam proprietárias de nós, não nos controlam para que sejamos o que querem, mas para que sejamos o que somos. Não temem perder-nos e nós não tememos perdê-las e por isso não nos fazemos concessões mentirosas.

Minhas amigas da alma desfilaram em minha mente sob a luz matinal de minha claraboia. A maioria delas já não vive mais nessa história. Vivem em mim em estado de ternura e gratidão. Pude revê-las em memória naquela manhã e agradecer à vida por tê-las posto em meu caminho e por me permitirem ser o que ainda sou. Acho que fui também para elas, ou para algumas delas, amiga da alma.

Há outras amigas que chamo de amigas de passagem. Não deixam de ser importantes, porém não deixam rastros profundos. Atravessam nossa vida por uns tempos e desaparecem. Nelas incluo as amigas tecidas em muitos movimentos sociais, no feminismo, nas instituições religiosas, nos congressos e encontros nacionais e internacionais. Elas são valiosas, porém não penetram profundamente a alma, não mantêm e nem amparam a história da alma e não nos contemos mutuamente. Chegamos a desconhecer nossa intimidade e só conhecer posturas sociais, posicionamentos políticos, ideias, argumentos e reflexões comuns. Muitas vezes, a mediação dessas amigas de passagem é institucional na medida em que são os movimentos sociais comuns que nos unem. Têm sua importância porque com elas formamos um corpo social capaz de fazer frente a outros que parecem nocivos. Essas amigas tão preciosas são de

incontável número. Parece que crescem a cada dia enquanto avançamos nos anos de vida.

E quando a luz avançou por meu quarto, entendi que era preciso levantar. Era preciso deixar que mais raios de sol entrassem em minha casa-corpo e que afazeres cotidianos me ocupassem. Porém, volto ainda por um instante às amizades da alma. Para findar esse encontro de ternura, quero ainda dizer que são elas que nos habitam nos dias da solidão. São elas que desejamos que estejam por perto, que nos ajudem nos momentos difíceis que atravessamos, que nos consolem e segurem nossas mãos. Com as amizades da alma vivemos momentos de beleza única, de comum união mesmo na ausência. A lembrança, o olhar, o silêncio, a lágrima, o abraço foram e são as formas de linguagem privilegiada em que se expressam. Não há discursos de convencimento teórico. Há acolhida, encantamento mútuo, doçura e verdade.

Tenho saudades de minhas amizades da alma e tenho, sobretudo, uma gratidão imensa por suas vidas na minha. Não seria o que sou sem elas.

“Amigas da alma são para guardar do lado esquerdo do peito...”

# A MORTE APROXIMADA

Pensar a morte na velhice é como  
pensar num abismo,  
no desconhecido,  
no final da partida,  
na chegada incógnita  
depois da longa caminhada!

A morte é o ponto-final que não se pode explicar pessoalmente, apesar de observarmos seu acontecimento de muitas maneiras nos que morrem à nossa volta. A questão da morte é, sem dúvida, uma questão de vida. Até certo ponto, é desafiadora e trágica, pois sabemos que vamos morrer. E mais, vemos morrer tanta gente, sobretudo de mortes inesperadas, mortes organizadas por sistemas de opressão, mortes que são vidas mortas prematuramente. Essas ausências antecipadas nos revoltam, abrem-nos à experiência da falta de sentido das injustiças e das mortes que produzimos voluntariamente. Levam-nos a pensar na crueldade mortal que caracterizou e caracteriza nossos modos de vida, nossas ideologias de muitos tipos como se nos considerássemos imortais donos da História. Que arrogância nos acomete!

Há também as experiências pessoais e imaginárias sobre a morte. Elas me fazem pensar que, assim como é difícil saber exatamente como um texto vai terminar quando ainda se está escrevendo, é difícil saber exatamente o final da vida. A única coisa que sabemos é que um ponto-final acontecerá de um jeito ou de outro; um término, mesmo em forma de reticências, será dado. Talvez eu pudesse dizer que a morte esteja presente nos diferentes momentos da vida que começam e terminam, porém não é esta dinâmica temporal que nos causa apreensão. Saber

que o tempo acaba em nós e nós acabamos para o tempo é que nos afeta. Viramos escombros, cinzas, misturados aos póis do mundo. Viramos apenas lembrança e depois esquecimento.

Sigo escrevendo o texto de minha vida a cada novo dia. Como já está longo, presumo que o ponto-final não deve demorar muito para acontecer. Mas é difícil prever o dia e a hora e não é bom se preocupar com isso. O jeito é continuar e talvez falar desse ponto-final chamado de última morte como uma espécie de poesia rimada cuja última palavra é desconhecida. Pode ser também comparada a uma música cuja última nota não se sabe de antemão. A última nota da morte é a liberdade que entregamos, como a última rima de um verso. É surpresa anunciada...

Para além da poesia, o prolongamento da vida das pessoas idosas coloca o problema da morte sempre empurrada para depois, morte adiada quando o fruto maduro já está sendo atraído para a terra. Trata-se aqui da ciência da sobrevida a serviço dos mais ricos, a serviço de um novo mercado. De outro extremo, hoje, muitas famílias, sobretudo as que vivem das aposentadorias dos velhos, fazem de tudo para preservar seu sustento cuidando de prolongar a vida dos velhos. Quantas famílias pobres no Brasil sobrevivem com a parca aposentadoria dos velhos, principalmente das velhas, que duram mais do que os velhos? A velhice passa a ser um problema e uma solução social para a crise econômica que nos assola. A velhice pobre tem encargos familiares muito pesados num mundo que não se preocupa de fato com ela.

Velhas pensam na morte? Muitas não gostam de pensar nela nem falar dela. É como se falar da morte adiantasse sua chegada. Sinto-me uma atrevida falante diante do acontecimento inevitável da morte. Pensar a morte me convida a pensar na liberdade de morrer. Numa sociedade que, por razões bem distintas, prolonga o acontecimento da morte dos que têm posses e tenta prolongar a dos que têm poucas posses, ousa pensar nela com liberdade? O que seria pensar a morte com liberdade? Por que falar da liberdade quando o tema é morte?

A ciência geriátrica tem tentado prolongar nossas vidas e parece um esforço louvável, mas, às vezes, sou acometida pela ideia da “boa morte”. A boa morte tem algo de escolha, uma escolha negada porque colocamos o nascimento e a morte como realidades que não podemos escolher. Simplesmente acontecem fora dos limites de nossa ingerência. Em relação ao nascimento sem dúvida não há uma escolha pessoal, mas em relação à morte poderia haver.

A boa morte não está no mercado ou, melhor, está, mas de forma elitista, privilegiando, como sempre, uma minoria que vive em lugares bem cuidados onde aparentemente a morte não entra. Mas será que essa é uma boa morte? Morte asséptica em meio a paredes decoradas ou em asilos de luxo enfeitados de performantes alegrias, vida-morte infantilizada para fazer esquecer o fim. Por que se teme o fim? Qualquer espetáculo tem um fim, precisa ter um fim. Uma história, um romance, um conto, uma música sem final perde seu apelo. O final se integra no sabor do espetáculo ou simplesmente no sabor da vida.

O último suspiro não é o problema. O corpo inerte não causa dificuldades maiores. O que causa problema é o antes do último suspiro. A morte como abandono, como espera final sem Godot. O problema é o sofrimento da antecipação da agonia ou do medo da morte ainda considerada como tragédia. Poderia ser diferente?

De repente, duas palavras se instalaram em mim: apego e desapego. Pensei nelas em relação a mim mesma pensando na morte. Sei bem que pensar é fácil, mas o difícil é viver o que se pensa. Mas mesmo nessa sensação de certa incoerência entre o pensamento e a vida real vale partilhar pensamentos. Muitas sabedorias antigas falaram da importância do desapego ante a vida. Não se trata de desvalorização, mas de leveza aprendida, de não querer reter inutilmente as coisas para si. Conheci na minha juventude uma velha freira francesa que não tinha quase nada de seu. Uma vez lhe perguntei por que viver com tão pouca coisa e ela respondeu “É o suficiente para viver e não sobrecarregar outros na hora da partida!”

Velhos correm o risco de se apegar a coisas, a livros, a segurança, a medos, a pessoas, a remorsos, a raivas passadas. No desapego mora a arte de envelhecer, de começar a deixar de ser através de coisas acumuladas, de decidir sobre o final de algumas posses, de usá-las para fazer viver os outros. Desapegar-se de mágoas, de querer sempre mais atenção, de invasões do egoísmo que corre o risco de se acentuar. São formas de desapego que não se deve deixar sempre para amanhã.

Não sei bem por que me veio à lembrança um texto do profeta Isaías, 40:6 a 8. “Toda carne é erva e toda a sua graça é como a flor do campo. Seca a erva e murcha a flor quando o vento sopra sobre elas.” A morte é como um vento que sopra sobre nós carregando nosso sopro. Entramos num vento maior. Lembrar disso talvez nos faça sair da arrogância e das muitas formas de defesa que desenvolvemos ao longo da vida. Toda carne é erva que seca e é levada pelo vento.

Uma ideia louca de eternidade brotou em mim. Não creio na eternidade individual, na ressurreição individual dos corpos. Fiquei pensando a partir de um artifício imaginativo contrário à nossa finitude final individual. Depois de nascidos, integramo-nos à evolução maior, tornamo-nos existentes, transformados em muitas coisas e, de certa forma, eternizamo-nos a partir do que fomos, a partir de nossa passagem no misterioso ser da terra. O eterno nasce do provisório sem sabermos. Quantas flores nasceram em uma jabuticabeira, caíram, se transformaram na terra, tornaram-se adubo para a terra que, por sua vez, seguiu seu destino de ser morada para outras plantas e alimento para nossos corpos? Quantos vestígios de eras geológicas passadas que se sustentam misteriosamente no presente?

Nossa eternidade é misturada às coisas numa evolução que não pode ser captada em seus detalhes. Não é necessário ter consciência individual desse processo. Não é necessário ter certeza e dominar o pós-morte e usá-lo para amedrontar e explorar os vivos. Somos pó e ao pó voltamos criativamente, humildemente, misturando-nos ao húmus, à terra de nosso corpo maior. Não haverá mais luta de classes, racismos,

feminismos, machismos. É um jogo de imaginação salutar para a velhice pensar numa eternidade diferente, uma eternidade que continua a existir a partir de nosso nascimento e independente de nossos anos de vida. Não sei se isto tem sentido para outras pessoas, mas gostei dessa fantasia que brotou sem querer, como quando a gente descobre em nosso jardim uma plantinha que não havíamos plantado.

O vento ou o acaso a trouxe para perto de nós. E a descobrimos e a amamos na sua pequenez.

Na velhice, de repente preciosos achados nos surpreendem. Nem pensamos que os guardamos, mas estão lá, no fundo de uma gaveta, talvez à espera de serem recuperados. Um dia desses fui buscar umas cartas de um amigo que se foi a algum tempo. Queria encontrá-las pois ia escrever sobre ele. E me vieram às mãos outras tantas de pessoas queridas que eu tinha guardado. Reli algumas, lindíssimas, poéticas, amorosas. Dessas amizades ficaram as belas lembranças, como um suave perfume me envolvendo com sua presença. Seus corpos foram-se com a morte, mas elas ainda vivem em mim como beleza, como dom que a vida me fez. Estranha a amizade com os mortos. Somos invadidas quase sempre só pelas belezas de suas vidas. Esquecemos de suas contradições e até rimos das maneiras de ser que antes nos molestavam.

Viraram pedrinhas de brilhante na linda peneira de nossa velhice.

Minha memória me leva através das cartas aos encontros passados, ao tempo em que escrevíamos longas missivas que mantinham a amizade viva. De uma amiga da alma que se foi há muito tempo não tenho cartas, mas encontrei um cartão-postal bonito com seu nome atrás. Dela guardo em mim o cheiro de seu perfume. Desde que a conheci usava a mesma água de colônia. Seu cheiro suave se anunciava antes de sua presença. E esse cheiro agradável para mim subsiste em minha memória. Só eu o sinto e agradeço à vida por senti-lo ainda.

E, assim, os mortos se misturam aos vivos e se sustentam no mesmo tempo dos vivos, sobretudo quando nos lembramos deles. Alguns mortos inspiram os vivos e se tornam pedaços bonitos reatualizados, repaginados, reinterpretados, reamados. Tenho tantos desses pedaços em mim... Que loucura! Mas sei também dos mortos que reatualizam ódios, que fazem par com vinganças e extermínios... Que insanidade!



## DEUS E A CASCA VAZIA DA CIGARRA

Quando eu morava em Camaragibe, em Pernambuco, onde vivi por mais de quinze anos com um grupo de religiosas, havia uma árvore em nosso quintal que o pessoal chamava de “brasileirinha”. As folhas abundantes eram verde-amarelas. Não sei por que, mas elas atraíam as cigarras já no fim de sua vida ou no começo de uma vida nova. Não sei

bem... desconheço as particularidades da vida das cigarras! As crianças da vizinhança, às vezes, vinham em casa e adoravam colher do chão debaixo da árvore as cascas vazias das cigarras. Eu as colhia com elas em meio a animadas conversas e sempre guardava uma que levava para meu quarto e a colocava sobre a mesinha de cabeceira. Não sei bem o que me atraía nela. Talvez o mistério da vida que ela escondia... Achava impressionante viver primeiro debaixo da terra como larva e depois ser capaz de voar e fazer um barulho ensurdecedor. Dava para ver como essa casca protegia o corpo adulto da cigarra e permitia que ela vivesse e atraísse os muitos pássaros predadores que se deliciavam com seu corpo.

Cascas protegem!

Cascas escondem!

Cascas ficam quando a vida se vai!

Em meio às lembranças de Tabatinga, em Camaragibe, essa casca me habitou. Quando chegamos naquele bairro não havia ainda calçamento, nem esgoto, nem água todos os dias e nem a árvore amada pelas cigarras. Fomos para lá para viver de outro jeito naquilo que acreditávamos. Queríamos um mundo melhor para os mais pobres! Precisávamos aprender outra forma de convivência e reaprender o que dizíamos ser o coração dos Evangelhos, porque parecia que o tempo havia construído uma casca secular patriarcal em nós.

Certa vez, lendo um texto de Rubem Alves, gostei muito da analogia que ele fez entre uma casca de cigarra e os conceitos vazios. Pensei, então, nas cascas que eu colhia com as crianças. De fato, elas já não contêm cigarras vivas. Muitas vezes, apreciamos as cascas sem nos interessarmos pela vida que se metamorfoseou dentro dela. Ficamos com a casca sem pensar na vida que a habitava e no seu sentido.

E aí que comecei a pensar em Deus a partir de um conceito-casca até certo ponto imposto pelas religiões; e pude perceber em mim o quanto eu também me deixei dirigir por essas cascas e as temi sem perceber uma outra dimensão vital que a casca outrora continha.

Quando digo até certo ponto imposto pelas religiões é porque nós, seres humanos, experimentamos, sobretudo nos momentos de desespero e dor, a necessidade de ajuda, de uma espécie de mão forte que nos conduza quando estamos inseguros e cambaleantes. Esses momentos de fragilidade podem ser ocasiões em que nos deixamos envolver pela proteção de cascas oferecidas e nos abraçamos a elas como salva-vidas provisórios ou até perenes.

No fundo, guardamos em nós a memória de que estamos vivos pelos cuidados de outras pessoas, especialmente da figura materna. Ai meu Deus, ai minha Mãe! Sentimos o desamparo, a dúvida, a ameaça, o medo de muitas cores, e buscamos apoios.

Nessa linha, fiquei pensando na vida que o conceito Deus contém. Acho que contém a insegurança do mundo em nós, o desamparo que sentimos, a ajuda de que necessitamos. Deus tem uma história em cada uma de nós e também em mim; uma história misturada à minha. O Deus com o qual eu conversava pedindo ajuda ou o que eu temia estava dentro de mim, embora eu imaginasse que estivesse fora num céu distante e que, sentado num trono, olhava e julgava o mundo todo.

A figura divina mais me amedrontava do que me ajudava. Temia-a, embora pedisse sua ajuda. Eu tinha medo de que ele me castigasse por alguma infração cometida, por algum ato que não fosse de seu agrado. Sua lembrança me deixava tensa porque sempre imaginava que ele exigia de mim uma perfeição de que eu não seria capaz. Por isso me deixava levar pelos conselhos das freiras de minha escola, fazendo pequenos sacrifícios como não comer um doce quando tinha vontade ou não assistir televisão. Elas diziam que a Ele lhe agradavam os sacrifícios.

Os sacrifícios me formaram e enformaram. E fico me perguntando agora, depois de velha, o que significavam e o que ainda significam.

Ouso dizer que sinto mais as dores da vida do que os prazeres. Quis sanar dores e acredito que também por isso escolhi ser freira. Talvez quisesse ajudar a Deus a ajudar as pessoas. Muitas vezes, Ele me

parecia tão distante de tantas dores, mas eu estava próxima. Ele me parecia surdo, pois tantas pessoas continuavam a chamá-lo como último recurso de suas vidas. Ele me parecia ocupado demais para atender tanta gente e eu talvez pudesse fazer algo. Não conseguia entender como um ser que “via tudo” e “podia tudo” não estivesse percebendo a triste cegueira daquele homem ou a ferida no corpo de uma criança pobre ou a fome daqueles tantos.

Se meus sacrifícios pudessem ajudar, eu faria o possível. Fui, então, ser ajudante de Deus! Que ilusão! Que pretensão! Lentamente, descobri que ajudar a Deus era fazer o que achava que era preciso fazer para salvar vidas. E me movi pelas periferias do mundo. E uni-me a pessoas que queriam mudar o mundo. E escrevi e ensinei e discursi. E ri e chorei na esperança de que o dia da vitória chegaria e eu iria festejá-lo como quem hasteia a bandeira do amor e da liberdade e sai dançando pelas ruas do mundo.

Mas pouco disso aconteceu.

Vejo hoje um enorme declínio de nossa humanidade. Estamos cada vez mais fragmentados, divididos, polarizados. Onde está Deus neste dilúvio imenso? Não seria ele mesmo também parte desse dilúvio que criamos?

Queria despertar de novo o sonho da partilha, da divisão segundo as necessidades reais, dos cuidados de uns para com os outros, do amor à beleza da terra. Por tudo isso passa a vida, mantém-se a vida. Então, a negação de Deus seria, talvez, a negação do direito à vida, e a negação do direito à vida seria a negação de Deus. Jogo de palavras? Não. Apenas um alargamento delas, uma evolução, uma nova percepção, um convite para acolher mutações ou simplesmente sonhos matinais libertários provocados pela luz de minha claraboia!

# O FEMINISMO

Frente a tanta diversidade de feminismos, já não sei bem onde me situar. Falam de ondas de feminismo, de gerações de feministas, de cores feministas, de novos e velhos feminismos. As posições defendidas nos convidam sempre a pensar sobre as diferentes formas de opressão que fomos e somos capazes de engendrar.

Tomo a palavra feminismo num sentido amplo de luta por direitos sociais para as mulheres sem acentuar necessariamente especificidades, porque correm o risco de excluir grupos ou gerar algumas polarizações inúteis. Afirmo isso porque nós, feministas, não estamos isentas de reproduzir em nós e entre nós as contradições patriarcais que todavia nos habitam. Ao querer fazer justiça para um grupo, podemos excluir outros. Sei bem que a imperfeição e os limites de nosso agir e pensar são inevitáveis, mas demandam atenção.

Com a idade, percebo que estou evitando polarizações, parando de querer encontrar sempre culpados que expliquem todas as mazelas do mundo, e, em especial, das mulheres. Estou tentando entrar na lógica do possível embora, às vezes, almeje o impossível. Meu feminismo é menos doutrinário e mais existencial, mais fincado nas muitas dores sofridas pelas mulheres, por vezes, necessitadas de soluções imediatas. Estas nem sempre são as melhores saídas, sobretudo do ponto de vista teórico, mas são as possíveis.

Não é incomum que a expressão “mudança de estruturas”, que na juventude me era tão cara, agora me pareça algo pesado e distante. As universalizações me incomodam assim como as simplificações que encontram numa palavra ou numa expressão a culpa pela dominação humana. Antes, exagerava na palavra “patriarcado” e na expressão “luta de classes”. Entravam em todas as

minhas análises e em minhas explicações. Agora, abro-me para aproximações da condição humana e tento entender algo mais do misterioso ser que somos. É bem mais complicado, embora possa parecer mais simples.

Como filósofa e teóloga, giro muito em torno de questões que convidam as mulheres a refletir sobre seu problema atual, sua situação e as possíveis saídas que podem buscar. Algumas vezes, encontrei-me com mulheres que estavam com medo de Deus por estarem odiando seus violadores ou mesmo por estarem vivendo situações consideradas ilícitas pelas instituições religiosas, como o fato de terem feito aborto ou não serem casadas oficialmente.

Lembro-me de uma assessoria para camponesas que dei no início dos anos dois mil numa área rural pernambucana. Antes da conversa com um grupo de cerca de trinta mulheres, elas quiseram assistir à missa mensal. Para minha surpresa, o padre ignorou a presença delas, que eram a maioria, e falou em todos os momentos a partir do masculino. Um pouco antes da comunhão, pediu que as mulheres que não eram casadas na igreja levantassem a mão. Algumas timidamente o fizeram. Depois, perguntou quem não era casada no civil e outras levantaram as mãos. Então, declarou que todas as que levantaram a mão eram amasiadas, que estavam em pecado e não podiam comungar. A ira me tomou.

Como mostrar minha indignação?

Fiquei parada perto do altar até o final da missa e depois fui falar com o padre de forma que as mulheres pudessem também me ouvir. Disse que ele não estava sendo seguidor de Jesus e as estava condenando a partir de leis incompatíveis com a situação real delas. Então, ele levantou a voz para mim dizendo que, com pessoas como eu, a religião não ia para frente e pediu que eu não voltasse mais à sua igreja. O incidente foi maravilhoso, pois serviu para refletirmos sobre o poder da religião na vida das mulheres.

\*\*\*

Acho que me tornei feminista no final dos anos setenta e início dos anos oitenta. Continuo feminista, tentando abrir novas janelas e portas para essa luta milenar, pois ela sempre esteve presente no mundo patriarcal, embora não tivesse reconhecimento e um nome social específico. Não fomos tão submissas como dizem que fomos. Sempre existiram revoltas, levantes, reações às mais diversas formas de dominação que sofremos. Quantas vezes fomos castigadas por nossa insubordinação, quantas vezes performamos um *modus operandi* masculino para fazer valer nossas causas, quantas vezes preferimos a morte a dobrar-nos frente aos nossos algozes?

O feminismo se tornou movimento mundial. Faz parte da chamada história universal. Passamos a ser temidas em muitos lugares e ser parte do vocabulário inclusivo de políticos e religiosos. Pura fachada! Porém, nós também passamos a ter – e usar muito – uma espécie de peneira de argumentos corretos. A peneira intelectual serve para ver se incorremos em algum vício que denuncie ainda a presença de nosso patriarcalismo ou o de algumas companheiras. Não me sinto bem com essas peneiras racionalistas e reducionistas da complexidade da vida! Chego a temer algumas ortodoxias feministas, sobretudo as vulgarizadas, pois, sem percebermos, talvez, entramos nos átrios dogmáticos patriarcais, repetindo modelos que criticamos.

Na velhice sinto meu coração enternecer-se frente à ignorância de muitas/os, frente a crenças religiosas naturalizadas, frente a costumes que se fundamentam em honras e preconceitos. Pelas circunstâncias atuais e por minha idade, estou fisicamente distante das comunidades populares. Mas percebo o quanto nós, educadoras, precisamos estar próximas das pessoas mais pobres para ajudá-las a pensar nas armadilhas que os diferentes poderes nos preparam. Precisamos ouvir mais, conviver mais, aprender mais com quem vive numa precariedade

bem maior do que a nossa. Recomeçar a ser próximos uns dos outros, eis o velho desafio!

No mundo religioso, sou reconhecida como filósofa e teóloga feminista. Atraio amores e ódios, principalmente quando me atrevo a tocar nos dogmas religiosos patriarcais. A mudança do mundo em vista de relações mais justas necessita de uma mudança das religiões na linha do feminismo, do antirracismo e de outras muitas lutas contemporâneas. Tenho escrito e refletido sobre tudo isso.

# O GOSTO PELA NOVIDADE E PELA AVENTURA

Hoje, minha claraboia me fez iluminar pedaços de mim jovem e adulta. Sou uma mulher de aventuras e de alguns riscos, mas não na linha dos esportes arriscados. Sempre gostei de conhecer gente e lugares diferentes. Sempre gostei de provar novos sabores. A mesmice não me atraía e não me atrai. Os padrões estabelecidos não apresentam novidades, não despertam curiosidades. Os programas de viagens pré-fabricados não oferecem surpresas se programam até as aventuras de passear num deserto, mas não dão espaço ao imprevisto, ao improvisado, à surpresa que nos convoca a interagir de formas inusitadas e a aprender o diferente.

Pareço afoita, mas, por dentro o coração treme, teme; mas gosta e goza. Como amei viver trinta e quatro anos no Recife, aventurando-me também pelo agreste e sertão do nordeste! Além de professora de teologia e filosofia no Instituto de Teologia do Recife, fazia parte de um grupo de professores apoiados por Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife na época. Ele era chamado “o bispo vermelho” pelos aliados da ditadura militar por causa de suas ideias em favor da vida digna para os pobres. Éramos um grupo que tinha a missão de formar lideranças sem que estas tivessem que sair de seu meio. Nós, “os professores”, locomovíamos-nos para ajudá-los a conhecer seu próprio meio, a história dos lugares em que viviam, a economia local e as diferentes expressões religiosas locais. E, a partir de seu pequeno mundo, avançávamos para o grande mundo, para as grandes explicações sociológicas e filosóficas.

Na mesma linha, eu fazia parte de um grupo de religiosas e intelectuais que tinham feito uma opção de viver mais próximos dos

pobres. Optar pela dignidade dos pobres implicava nos aproximarmos de suas vidas, renunciarmos a alguns benefícios do mundo capitalista na medida em que quiséssemos transformar as relações sociais. Muitas de nós optaram por viver nas periferias da cidade ou no campo. Desse lugar social específico, sentíamos brotar a esperança de um mundo melhor, mundo de direitos e de respeito mútuo.

Arrisquei viajar sozinha a lugares difíceis e desconhecidos. Lembro-me ainda dos cursos que dei para agricultoras e agricultores do Pará, nos tempos da abertura de trechos da Transamazônica e dos assentamentos do movimento de agricultores. Já era o começo do feminismo. Fiz muitos encontros com mulheres trabalhadoras rurais em que uma consciência feminista incipiente se fazia sentir.

Na velhice, sinto saudades das aventuras que vivi. Tento me imaginar de novo naquilo que vivi e chego a rir de situações e medos experimentados.

Às vezes, gostaria de continuar as venturosas descobertas do passado, mas sinto-me atada por cordas inevitáveis, por limites inscritos hoje em meu corpo e tenho que aprender a viver pequenas aventuras a partir deles. Não são desculpas. Cada tempo é um tempo. Houve o tempo do nordeste, da Amazônia, das andanças pela América do Sul, pela América Central. Houve os tempos da América do Norte e da Europa. Houve tempos menores para a África e a Ásia. Em todos esses lugares, eu era convidada a dar um curso, umas conferências, uma assessoria, sempre focando a interpretação de conteúdos cristãos a partir do feminismo e da ecologia. Nem sempre fui bem acolhida, sobretudo pelas autoridades religiosas locais, preocupadas com as heresias que meus ensinamentos feministas destilavam. Em alguns lugares, especialmente do Brasil, cheguei a ser proibida de dar a conferência ou o curso previsto. Tudo isso faz parte das escolhas que fazemos em nossas vidas.

Guardo esses tempos preciosamente em mim nesse tempo que se chama hoje, tempo em que novas aventuras, talvez mais discretas,

ainda me atraem e nutrem sonhos.

# A EDUCAÇÃO PELAS PERGUNTAS

Sempre fui habitada por perguntas, porém nem sempre as respostas que me eram entregues pela vida me satisfaziam. E sempre perguntava de novo, como se fosse habitada por uma estranha sede. Vejo-me ainda menina, sentada num degrau de casa, cheia de perguntas e escolhendo em mim mesma possíveis respostas. Eram perguntas sobre a vida, mas não sei mais repeti-las e nem reformulá-las. Talvez o incômodo e a contínua presença das perguntas tenham me levado a estudar filosofia, embora também a medicina me atraísse.

Saber perguntar é uma arte situada no tempo e nos coloca no caminho de respostas múltiplas. Fiz das perguntas meu método de conhecimento de mim mesma, de meu mundo, de buscas variadas, de educação de jovens e adultos. Fiz também das perguntas um método de formação feminista que começava por centrar-se na história de cada mulher do grupo para que elas descobrissem em suas próprias histórias as cores, a densidade de seu sofrimento e as saídas possíveis. Perguntar a si mesma para descobrir as sementes de respostas plantadas nelas mesmas ou as alternativas para sofrer menos ou para aliviar tensões frente a problemas insolúveis à primeira vista.

Dessa forma, na linha das perguntas, sempre insisti que quem fizesse a pergunta ensaiasse a resposta, visto que quando perguntamos sempre há uma intuição ou uma suspeita de resposta que não ousamos emitir pelo medo de errar. Ensinando filosofia e teologia percebi que os alunos/as muitas vezes buscavam responder às perguntas na forma que eles imaginavam que eu pensava ou na forma de uma ortodoxia vigente em seu meio. Na maioria das vezes, enganavam-se, enrolavam-se nos próprios argumentos. Então, pouco a pouco eu os ajudava por meio de

perguntas a perceber novas possibilidades a partir do seu engano. E elas descobriam com muito esforço a presença do conhecimento, o esboço de algumas respostas, a proximidade da ciência neles mesmos.

Era esse despertar, talvez de influência socrática, de feminina parturição de ideias, de reflexões que de certa forma nos contém, que eu tentava ensinar como um método de autoconhecimento e de conhecimento do mundo. Eu não sabia as respostas de antemão. Não era um exercício de adivinhação em que alunas/os e mulheres de meio popular deveriam chegar aonde eu queria. Mas eram perguntas provocativas que excitam o pensamento, que o provocam e o convidam a sair da repetição das mesmas respostas pré-fixadas. Confesso a dificuldade, pois o hábito de ter as respostas dadas pela “autoridade” aparecia como um vício na maioria dos que aceitavam essa forma de aprendizado.

Sempre fui reticente quando me diziam que segundo tal autor ou autora o caminho do pensamento ou a solução era essa ou aquela. E eu perguntava: se o problema fosse só seu, se você fosse a única fonte de resposta às suas perguntas, o que diria? As respostas começavam por um “não sei” tímido, acompanhado de silêncio. A provocação das perguntas voltava com insistência. Então, pouco a pouco, descobríamos que o “não sei” inicial era cheio de possibilidades de resposta, mesmo se aparentemente inadequadas.

Tentar responder tira-nos da preguiça de querer buscar sempre argumentos de autoridade para colocá-los sobre nós como se fossem vestimentas melhores que as nossas ou como se contivessem uma verdade que só eles, os iluminados pelo saber, podiam aceder e ensinar. A isso chamamos no mundo universitário de aparato científico. O aparato parece convidar a pensar, mas, muitas vezes, limita o pensamento e a criatividade. O método bancário, como dizia Paulo Freire, não ajuda a pensar, mas apenas a repetir. São os outros que detém o conhecimento e nós apenas podemos repetir. E, se repetirmos bem, seremos aprovados e aplaudidos.

Este método de perguntas eu também usava com algumas mulheres das periferias quando íamos discutir seus problemas femininos, a dominação diversificada em casa ou no trabalho. Descobrir juntas que temos a possibilidade de pensar nossa vida sem que necessariamente outros respondam por nós. Esse método valorizava o vivido no cotidiano, dava-lhe importância mostrando que o pequeno mundo doméstico está absolutamente conectado com o grande mundo público.

Nessa perspectiva, às vezes fazíamos excursões aos grandes supermercados para ver as marcas de certos alimentos e descobrir que vinham de fora do país ou que eram de empresas alimentícias internacionais com sede aqui. Descobríamos juntas o que significava uma economia internacional e nos perguntávamos sobre o lucro que se obtinha e quem o obtinha. Tentávamos entender para além do preço o que continham, sobretudo em conservantes e tóxicos. Por vezes, no final de um dia de formação, sem que eu esperasse por isso, muitas se declaravam feministas e até ecologistas. Se o feminismo pode ser descoberto a partir do que estou vivendo, e as possíveis respostas aos problemas podem ter as cores de minha vida, então é uma maravilha. Essa luta é nossa, começa por nosso corpo-casa, por nosso corpo em relação ao mundo.

As respostas que buscávamos às perguntas sobre nossas dores comuns de mulheres podiam ser encontradas, manifestadas, partilhadas como respostas encaixadas em nossa própria realidade. As perguntas e os esboços de resposta nos tornam proprietárias de nossas vidas e nos entregam poderes comunitários, mesmo que algumas vezes se faça apelo a algumas ajudas preciosas que possam vir de fora. Há sempre luzes de outras pessoas que podem nos iluminar sem nos ofuscar e sem tirar a responsabilidade de perguntar e responder a partir de si e de seu contexto.

Muitas perguntas que me foram feitas por mulheres da periferia também me abriram para o feminismo. Perguntas de mulheres simples,

como “Você sabe o que sofre uma mulher de operário desempregado?” ou “Você sabe o que é ter que se entregar a um homem sem ter vontade?” ou ainda “Você conhece o susto de uma gravidez inesperada quando se está em situação difícil?” ou “Você sabe o que sofremos quando não há comida em casa para as crianças?”. Eu não sabia de nada, ou melhor, algo sabia de ouvir dizer ou de ler sobre o problema. Meu corpo-casa não tinha essas vivências. Conhecia alguma coisa, mas faltava-me algo mais profundo que elas tinham e que era a experiência real de seus corpos. Faltava-me também a libertação de meu próprio corpo de muitas ideologias religiosas e culturais que me atavam a estados de perfeição queridos por Deus ou pela família. Eu me interpretava segundo os conceitos vigentes em meu mundo, acreditando-os como mais próximos do ideal de humanidade que buscava. Com lucidez, algumas mulheres da periferia me fizeram enxergar os limites de minha formação e me fizeram reconquistar-me a mim mesma como mulher cheia de qualidades e limites.

\*\*\*

Sempre tive muita pena das pessoas analfabetas de letras. Num mundo onde tudo aparece em letras, eu imaginava que só existiam as letras para ler o mundo e deixar de ser analfabeta. Com a observação da vida fui descobrindo o quanto a alfabetização, embora necessária, também limitava nosso conhecimento e o hierarquizava. Aprendi as primeiras letras de outras leituras do mundo, de outras escritas e interpretações, com as mulheres das periferias, especialmente com as do nordeste. Aprendizado árduo para mim porque devia admitir meus limites e minha ignorância real em muitas vivências vitais.

Na velhice, enfrento ainda tantas ignorâncias, tantos alfabetos desconhecidos, que nada têm a ver com letras escritas aprendidas. Tocam formas de conhecimento diversificado que a ciência não reconhece como conhecimento verdadeiro. As mulheres de mundos

periféricos conhecem especialmente estas letras sem forma de letras. Conhecem plantas medicinais, chás, xaropes. Conhecem algo do céu, sabem se vai chover ou não, para além dos boletins meteorológicos. Conhecem as letras das plantas afirmando que cada uma gosta de ser regada desse jeito ou daquele, algumas gostam de muito sol, outras de pouco. Enfim, são leituras do mundo pouquíssimo consideradas pelas hierarquias do saber teórico.

O método das perguntas não exclui o conhecimento dado pelos livros, mas convida-nos a explorar também o livro que cada uma de nós escreve e que tem importância capital na transformação coletiva.

De repente, lembrei-me de um velho livro de Paulo Freire e Antonio Faundez, *Por uma pedagogia da pergunta*, editado pela Editora Paz e Terra, em 2012. Quando usava o método das perguntas, eu não tinha lido este livro que chegou às minhas mãos só recentemente. Fui buscá-lo novamente e, ao folheá-lo, descobri que eu havia sublinhado uma frase de Antonio Faundez conversando com Paulo Freire. Reproduzo-a aqui, pois é um pouco aquilo que tenho vivido e que ela expressa tão bem: “(...) o essencial são as diferenças e, como cada vez descubro mais diferenças, cada vez descubro que sei menos. O caminho é então a modéstia; é o caminho necessário” (p. 62).

Muitas vezes senti um mal-estar com a arrogância de certos analistas, com sua falta de modéstia, com sua idolatria conceitual, com sua recusa real à diversidade do conhecimento.

As teorias pareciam longe da luta pela sobrevivência nos diferentes âmbitos da vida. A vida real não era a vida dos bons pensamentos, dos conceitos científicos. Era uma mistura diversificada. Por isso, através das perguntas e das respostas diferenciadas, dávamo-nos conta de que ninguém detém a verdade e que isso é muito bonito, pois sempre aprendemos umas das outras quando aceitamos o caminho do diálogo e ousamos contar o que se passa em nós. Contar o que se passa em mim não para agradar a outra, mas para aprender de mim mesma e das perguntas e respostas das outras. Este é um caminho árduo porque

fomos educadas a saber qual é o certo e qual é o errado nas situações da vida. Muitas mulheres até esperavam que eu dissesse qual era o caminho, qual era a resposta e sentiam-se incomodadas no início com a diversidade de possibilidades e com meu jeito de perguntar.

Perguntar é sempre abrir possibilidades!

\*\*\*

Muitas mulheres das periferias frequentavam igrejas cristãs diversas. A palavra do padre ou do pastor caía sobre elas como autoridade, como julgamento, como condenação. Pensar a religião e fazer-lhes perguntas foi outra tônica que me ocupou em muitos cursos e encontros que animei.

Perguntar pelas crenças religiosas tem sido capital no meu trabalho como educadora. Talvez seja um campo especial em que as mulheres devem cada vez mais se debruçar e fazer boas perguntas para não serem enganadas por discursos e promessas de felicidade e de sucesso.

Como creio no que afirmo crer? É uma pergunta que procuro fazer a mim e a outras pessoas. Começamos por enfrentar nosso/meu cotidiano tão cheio de contradições. Convido-me a me colocar no lugar do/a outro/a que estou julgando. Tento descobrir-me nele/a, conversar em mim com ele/a. O dedo que aponto para o outro, aponto também para mim. É um método árduo e difícil porque fomos habituadas a sempre julgar o que os outros não fizeram. Autoimplicar-se no julgamento do mundo. Assumir para si a responsabilidade de mover um fardo, a perceber “a trave no seu olho” tanto quanto “a palha no olho do outro”. Somos responsabilidade coletiva.



# AS LEMBRANÇAS REVELADAS POR UMA CARTA

Ontem, encontrei um envelope amarelado em meio aos meus tesouros do passado guardados numa gaveta. Era uma carta de meu pai de quando eu era estudante em Louvain, na Bélgica, em 1971. O que mais me comoveu relendo-a é que ele escrevia: “Filha, volta para casa para ver seu pai e sua mãe”. Esse era seu contínuo refrão. Saí de casa aos vinte e dois anos à procura da felicidade ou à procura de algo diferente do que a vida familiar me oferecia. Estranha procura! O que era essa felicidade?

Não era uma rebelião feminista. Não era a participação em uma célula comunista em tempos de ditadura militar. Eu explicava aos outros e a mim mesma como um chamado divino. Deus me chamava para servi-lo! Estranha frase de cujo conteúdo já não tenho mais a certeza que tinha no passado e nem sei explicitá-la claramente no presente. Hoje, eu diria muitas coisas sobre o que me incomoda nessa expressão “chamado divino”, mas, ontem, quando eu tinha vinte e poucos anos a expressão era mágica. Deus me chamando era algo irresistível. Eu devia ser Dele, devia viver para Ele, entregar-me a cada dia para Ele. Mas quem era Ele?

Naqueles velhos tempos, Ele era a proposta de um bem maior para a humanidade. Eu seria uma espécie de operária na construção de um mundo melhor. Viveria num grupo de mulheres, algumas jovens como eu, que transformaria o mundo para o bem. Lembro-me de que a bossa-nova que nascia na época nutria nossos sonhos mais do que os salmos que entoávamos na capela. Mas eles também estavam lá como suporte, como razão maior acreditando que era Ele, Deus, que nos conduzia “por verdes pastagens”, que nos fazia caminhar num amor maior do que todos os amores do mundo. Era poesia, ilusão, sonho, companheirismo, lágrimas, decepções... Tudo misturado nos convidando a sempre recomeçar de novo.

“Há muito tempo que eu saí de casa/ Há muito tempo que eu caí na estrada/ Há muito tempo que estou na vida/ Foi assim que eu quis/ e assim sou feliz”, como cantava Gonzaguinha.

Saí de casa chorando contra a vontade de meus pais, de minhas duas irmãs, de minha avó e de toda a família. Saí fugida para os braços de Deus como se fosse um amante proibido que me prometia dias e noites de amor. Poucas pessoas pareciam me entender. Meu amor era proibido, era derrisão, era loucura, era um perder a vida por um bem maior.

Cheguei ao convento fugida de casa. Fui acolhida no final da missa e ainda tive direito a uma bênção especial. Lembro-me de que, naquela noite, cantaram na capela “Se teu pai e tua mãe te abandonarem/ Eu nunca te abandonarei”. Era um salmo que, entre lágrimas sofridas e sentimento de abandono, prometia-me o não abandono. Mas quem era esse que não me abandonaria quando, naquele instante de loucura amorosa ou libertária, eu me sentia profundamente abandonada, culpada por ter fugido, por ter causado sofrimento, por ter infringido as leis familiares? Afinal, meu pecado de infração era justificado porque Deus era maior que minha família!

Infringir leis, ensinar infrações, desconstruir hábitos, desconstruir conteúdos, denunciar prisões conceituais, abri-las para mostrá-las por dentro, suspeitar das verdades absolutas, dos caminhos pré-fabricados, entraram na minha rota de desobediência quase como escolha de vida. Como é duro e, ao mesmo tempo, gratificante desobedecer! Por aí tracei meus caminhos.

Quem desobedece obedece. A quem estava eu obedecendo? A quem sigo obedecendo na velhice venturosa e aventureira que é a minha?

A imagem que me vem à mente é a de uma espécie de rede ou coador fino gigante dentro de mim que me faz rejeitar as coisas que parecem destruir-me a vida, assim como a vida de outras pessoas. Não passam para meu corpo e, se passam sem meu querer, não consigo digeri-las, entalam e me fazem mal, envenenam-me e produzem a reação de lutar contra elas, como se me impedissem de respirar naturalmente. A desobediência, nome das coisas boas que da rede absorvo,

nutre-me e faz-me obedecer ao mais íntimo de mim. Não sei bem explicar o que é esse íntimo.

Meu íntimo?

Parece com um lugar que se constituiu sem que eu tivesse claro como, um lugar com reações e conteúdos espalhados e ajuntados de diferentes maneiras e que, apesar de seu sabor às vezes amargo e forte, fazem-me bem.

Meu íntimo é diverso,  
contraditório,  
paradoxal e é o que sou:  
múltipla,

formada de pedaços diferentes, que me compõem e me fazem ser o que sou.

Muitas vezes, quis negar a mim mesma minhas contradições para afirmar e deixar-me julgar pelos ideais puros ou por sonhos impossíveis. Lá se situa o meu pecado, ou seja, a divisão que se abre em mim quando nego que o mesmo bem que desejo contém muito do mal que rejeito. Complicado explicar-me. Difícil aceder em palavras e explicar para outros/as esse turbilhão que me habita e me constitui desde a minha juventude.

Sigo assim o meu caminho sem renunciar à mistura impura que sou.



## A DOR DA DOR DAS OUTRAS

Não sei bem por que a dor das outras pessoas dói em mim. Habita-me como um incômodo físico e emocional. Expressa-se como uma espécie de agulha em meio peito, ou uma forma de indigestão e mesmo uma opressão no peito que me impede de respirar com fluidez. Confesso que sinto mais as dores do que as alegrias alheias. É como se as alegrias me contagiassem menos, embora possam igualmente me contagiar. Afinal, não buscamos sempre alegrias? Mas por que é a dor e a tristeza que prevalecem?

Suspeito que haja algo na dor que é bem mais forte. Talvez seja porque nos exponha mais à morte, à injustiça, ao desrespeito da vida, à insegurança. Essa ameaça à nossa finitude parece repercutir mais em nosso corpo e em meu corpo. Ela fragiliza, expõem-se à vista de outros de forma mais aguda. Ao temer pela vida da outra, é também pela minha vida que temo. É como se a dor da outra pudesse ser também em

mim, pudesse acontecer em mim de formas talvez diversas, mas igualmente dolorosas.

Há muitas dores que doeram em mim. Não posso falar de todas e nem seria possível. A dor da perda de pessoas queridas, a doença de amigas e amigos, os desastres de guerras pelo mundo afora. E quando algo dói temos que agir para aliviar a dor.

Senti a dor da quarta gravidez inesperada de minha vizinha Luciana. Na pobreza quase miserável de sua vida, um momento de prazer com um conhecido a expôs ao desespero de uma gravidez indesejada. Não, não podia alimentar mais uma boca! As que tinha já viviam em escassez de alimento, de vestimenta e em condições precárias de moradia. Algumas velhas vizinhas lhe diziam “Onde comem quatro bocas podem comer cinco!”. E ela retrucava que não era bem assim. Ela era sozinha! Nenhum macho a ajudava, porque não podia falar de nenhum pai que assumisse seus filhos. Outras pessoas lhe diziam “Por que você fez isso? Podia ter pensado antes de tomar cerveja e se deitar com um desconhecido!”. E outras ainda a chamavam de assassina quando exprimia a vontade de interromper a gravidez, completando o julgamento com a frase final “Deus vai te castigar e você vai para o inferno!”. Ela já vivia no inferno, já se sentia castigada pela vida sem ter merecido castigo nenhum.

As opiniões naquele momento não provinham diretamente de homens. Eu ouvia e conversava com as mulheres da vizinhança. Para elas era como se os homens não tivessem nada a ver com a situação e a responsabilidade de escolhas e decisões em relação àquilo que acontecia nos corpos femininos. As opiniões sobre o possível aborto eram de mulheres formadas numa moral e num julgamento tradicionalista masculino. O feminismo ainda não tinha se afirmado e nem o direito de decisão das mulheres pobres. Os conflitos de opiniões eram evidentes.

Os homens estavam distantes dos problemas das mulheres. Pareciam habitar em outro planeta e pertencer a uma outra

humanidade. Não lhes interessava o problema das mulheres, que parecia não ser deles. A eles cabia julgar à distância, condenar nos tribunais ou nos púlpitos. De certa forma, sua ausência nesses momentos cruciais para as mulheres era mais grave do que as críticas de companheiras de pobreza e de cruz.

As questões em relação à gravidez sempre foram um problema de mulheres! A responsabilidade do ato sexual sempre inocentou e desresponsabilizou os homens. E a solução dos problemas nem sempre vinha das decisões das mulheres, mas das pressões sociais, educacionais e religiosas que habitavam seus corpos. Um moralismo de fundo cristão tradicionalista era ainda muito forte na população daquele bairro, pois a maioria dos habitantes provinha do êxodo rural presente nas regiões de grande seca do nordeste.

Hoje, estamos em outro momento. A questão da gravidez, da natalidade, abriu-se para uma dimensão social mais ampla e tem incluído a participação dos homens. São os efeitos das lutas feministas que liberam os corpos femininos de culpas impostas e lhes ajudam a pensar mais criticamente.

Não conheci a gravidez em mim. Apenas conhecia algo de ouvir falar e de ver os ventres crescidos e depois os bebês nascidos. Não tinha autoridade para descrever o sentimento de estar fisicamente habitada e, sobretudo, de maneira indesejada. Mas eu estava lá naquela rua vivendo, de certa forma, a emoção da dor da outra, a divisão que a percorria, os medos que a atormentavam, a responsabilidade com os quatro filhos. A dor dela doía em mim. A impotência que sofria reverberava em mim.

A dor das crianças presas em casa, fechadas com uma porta-grade que lhes permitia apenas ver a rua doía em mim. O mais velho, com nove anos, cuidava de dar de comer aos outros enquanto esperava a mãe voltar do trabalho de faxineira.

Luciana me procurou pedindo dinheiro. Eu dei, suspeitando do que ela faria. Dois dias depois, à noite, mandou o filho me chamar e me

doeu tanto vê-la sangrando e ver o feto exposto sobre a mesa aos olhos das crianças. Lembro-me ainda de sua fala chorosa dizendo que amanhã ia enterrá-lo com muito respeito, mas que agora tinha que ir para o hospital para não morrer. Ela mesma montou a cama porque temia ser presa. Ia dizer que uma vaca solta na rua correu atrás dela, ela tropeçou, caiu feio e perdeu o esperado. Um vizinho a levou para o hospital e, naquela noite, as crianças, muito assustadas, ficaram comigo. Eu também sentia-me perdida em meio aos becos sem saída da vida, às dores impostas e imprevistas, às fomes de afeto e de atenção. Para que tanta dor?

Passei a compreender melhor algumas dores das mulheres. Passei a denunciar as injustiças que viviam, principalmente quando esquemas religiosos pré-fabricados as condenavam e aumentavam suas dores. A religião julgava, o Estado punia, a tradição familiar lançava impropérios e a dor e seus rescaldos ficavam para as mulheres.

Qual era o pecado das mulheres que interrompiam a gravidez?

Com a interrupção da gravidez, talvez quisessem apenas interromper o aumento do desamparo, da violência econômica sobre elas, do peso de alimentar sozinhas mais uma boca. A interrupção não era o pecado. Para mim, o pecado era anterior à interrupção. Elas habitavam no pecado social que as matava. Elas habitavam numa sociedade abortiva que não lhes permitia escolher sobre suas vidas. Uma sociedade fundada na injustiça dos privilégios de classe que de antemão lhes negava cuidados, comida, casa, trabalho, lazer e tantas coisas que poderiam ser possíveis se a divisão dos bens fosse outra.

Por causa da denúncia do pecado contra as mulheres, fui condenada pela religião e por forças conservadoras da sociedade. Afinal, eu era cristã-católica, uma freira, uma mulher estudada, uma mulher de igreja e era capaz de apoiar absurdos contra Deus e contra a vida! Minha falta tinha que se tornar pública e ser devidamente castigada. Talvez através do silenciamento e do castigo, ao menos o meu pecado seria expiado e eu voltaria a ser obediente às leis de Deus e da igreja. O castigo talvez

atemorizasse outras mulheres tentadas à desobediência da “Santa Mãe igreja”.

Mas essas leis “da mãe simbólica patriarcal” eram tão duras, tão autoritárias, tão imperiais, tão perfeitas e não me falavam ao coração nem à razão. Sentia que essas leis querendo defender a vida traíam-na e a entregavam ao julgamento de moralismos predatórios dos corpos femininos. Essa dor também doía em mim!

Diante de minha recusa em retratar-me publicamente, me impuseram um tempo de silêncio. As cartas recebidas do Vaticano não especificavam quanto tempo. Colocavam a decisão para a responsável geral de minha Congregação. Ela ponderou que seriam mais ou menos dois anos. E, nesse tempo, fui à Bélgica refazer estudos de teologia como havia sido exigido pelo Vaticano, guardando o silêncio que significava não ensinar, não dar conferências em lugares públicos.

Acredito, no entanto, que esse foi o tempo em que mais falei e mais ouvi. E quanto mais me controlavam, mais a minha fala se tornava pública em pequenos espaços que iam contagiando-se uns aos outros. A curiosidade em relação a mim era em relação ao meu atrevimento em afrontar as leis eclesiásticas. Na verdade, meu comportamento não se dirigia às leis, mas às dores de tantas mulheres condenadas por uma espécie de idealismo moral e religioso, uma crença em leis fixas provenientes de Deus e da natureza.

Depois de tantos anos, muitos acontecimentos ligados a esses dolorosos fatos me vêm agora à memória. Conheci tanta gente sofrida, tanta gente que de muitos lugares do mundo partilharam sua dor, sua esperança e solidariedade. Uma rede de solidariedade teceu-se e transformou minha vida. Gente distante de muitos cantos do mundo aproximou-se como se o castigo que me fora dado fosse capaz de criar laços para vencê-lo coletivamente e para que nos comprometêssemos com a justiça em relação aos corpos das mulheres.

Por muito tempo, fui uma voz isolada em meio às mulheres católicas, sobretudo as religiosas no Brasil. Não havia mais espaço para

meu magistério teológico e, a nível nacional e latino-americano, muitas das assessorias que eu aceitara dar foram cortadas. A questão do aborto se alargara para mim. Abria-se para os argumentos metafísicos que sustentavam o mundo da religião e os preceitos de uma cultura. Para mim, tratava-se de repensar o mundo mutável dos valores humanos e das antropologias patriarcais vigentes.

Uma frente importante se apresentava para mim. Eu precisava fazer algo a respeito e comecei a tentar...

# O RECONHECIMENTO DA VIOLÊNCIA PATRIARCAL

Ainda me lembro da dificuldade de respirar que me acometeu quando li um texto da poetisa e teóloga luterana alemã Dorothee Sölle, publicado no número 163, de 1981, da Concilium, uma revista internacional de teologia: “Padre, poder y barbarie. Interrogantes feministas a una religión autoritaria”.

Quando este texto chegou às minhas mãos, eu repetia seguidamente a leitura dos parágrafos que me faziam reconhecer situações vividas, embora o texto lido não correspondesse de fato à minha própria experiência. Evocava situações semelhantes, abria brechas para meu pensamento em relação à ordem patriarcal do nazismo. Nunca mais fui a mesma depois dessa leitura. Esta é a força de alguns textos que, sem que esperemos, remetem-nos para o nosso vivido. Abrem memórias, vivências, porém não suficientemente analisadas e compreendidas.

Percebi a cumplicidade das crenças religiosas com os regimes fascistas e ditatoriais de forma geral. Passei a estar mais atenta a conteúdos teológicos que, à primeira vista, pareciam inofensivos e até consoladores. Passei a ser mais crítica e mais analítica em relação ao trabalho e aos conteúdos das instituições religiosas que cultuam certa forma de obediência como valor supremo, principalmente para as mulheres. O amor era obediência. A liberdade era obediência a uma ordem obscurantista chamada de vontade divina. O prazer era celeste e espiritual. Eu via isto em tantas mulheres em busca da santidade proposta pelo cristianismo e reconhecia também em mim as mesmas prisões.

Depois de meu encontro com alguns trabalhos de Dorothee Sölle, tive o prazer de estar com ela algumas vezes. Sua liberdade de espírito

me encantava. Sua atenção às pessoas era marcante. Misturei-me ao seu fermento crítico através de alguns de seus textos e tenho uma gratidão imensa por esta mulher que morreu lutando pela liberdade religiosa e política. Entre muitas outras mulheres, sigo algumas de suas intuições críticas. Assim, comemos e bebemos das percepções umas das outras como se nos oferecêssemos um banquete de sabores diferentes, mas todos deliciosos e nutritivos.

Se eu pudesse, escreveria sobre meu aprendizado com muitas mulheres teólogas, filósofas, psicólogas, artistas que abriram minhas percepções do mundo. Falaria de meu encantamento por Hannah Arendt, Iris Murdoch, Judith Butler, Margareth Rago, Silvia Rolnik, Conceição Evaristo. Temo enumerar nomes porque são tantos. Meu corpo de inspiradoras é múltiplo e variado. Escrevi apenas os nomes que me vieram à memória nesse instante iluminado.

Escreveria também sobre minhas professoras, mulheres das periferias do mundo, que me faziam perceber as ruelas do possível em meio aos limites da vida. Sinto-me ainda aprendiz... Pensei em Luiza, Dona Maria, Neném, Fátima, Berna, Lenira, Rica e tantas, tantas outras cujos rostos vejo, porém esqueci-me dos nomes. São todas pedaços de mim, guardadas no coração.

# O MITO DA SABEDORIA DA VELHICE

Há séculos, era quase consenso cultural falar da sabedoria dos velhos. Afinal, velho era ainda mais ou menos jovem adulto para os dias de hoje. A sabedoria dos velhos era algo reconhecido. Podia-se consultar um velho sobre o passado da família, da cidade, daquele campo, das pessoas, de velhos livros e autores. O velho era uma espécie de memória viva do passado, apesar das possíveis falhas que suas reminiscências poderiam ter. Hoje, parece que o conceito “velho” mudou e quase tenho vontade de dizer que velho agora é velhíssimo.

Qual seria hoje a sabedoria que é reconhecida aos velhos? A sabedoria é vivida como sabedoria quando é reconhecida como tal. Num mundo cuja sabedoria se encontra especialmente no futuro, na invenção de um sempre novo futuro, especialmente pelas novas tecnologias e ciências, qual poderia ser a sabedoria dos velhas e das velhas?

A diversidade de velhas e velhos é imensa e já não há mais nenhum consenso possível sobre a sabedoria a nós atribuída. Nossa longevidade se tornou objeto de ciência e de lucro. Nossa sabedoria foi aprisionada por muitos aparatos científicos que nos são impostos para que sejamos cada vez mais lucrativos para laboratórios. Viramos material para a indústria do envelhecimento capitalista...

A sabedoria dos velhos pode ainda ser encontrada como memória nas obras literárias do passado, em filmes e séries televisivas.

Exagero? Talvez...

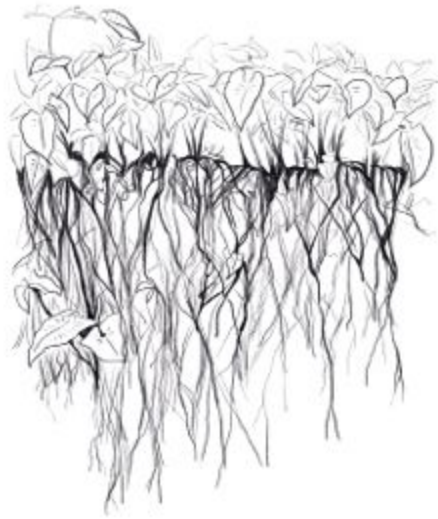
Não sou pessimista. Não sou saudosista, mas gosto de expressar o mundo da velhice como o tenho sentido hoje. Sentir é conhecer fisicamente,

emocionalmente,

impuramente,

misturadamente ao mundo que somos e no qual estamos.

Afinal, o eu, mesmo na velhice, é um território com sua parte maior inexplorada!



# A CULPA EM NOSSAS ENTRANHAS

O mundo patriarcal sobrecarregou as mulheres de culpas. Parece que agora está melhor, segundo algumas opiniões. Mas, para mim, ainda é preciso passar por processos mais complexos de depuração para que as consequências nefastas de uma culpa sem culpabilidade sejam, de fato, sanadas.

Culpa sem culpabilidade, estranha afirmação!

Podemos culpabilizar pessoas de muitas formas. Ao impor tetos de comportamento, ao impor costumes, ao naturalizar as funções dos corpos... vamos introduzindo leis e formas de controle. Quem as infringir é culpada ou deve sentir-se culpada.

Muitas de nós, mulheres, sentíamos-nos culpadas não pelas más ações cometidas, mas porque não correspondíamos por nosso gênero e por nossas escolhas ao que esperavam de nós. Não correspondíamos ao ideal estabelecido. Esta é o que se chama culpabilidade sem culpa real. Naturaliza-se a ideia de um gênero ideal, uma forma de comportamento idealizada, uma expectativa prévia sobre uma pessoa ou um grupo de mulheres e espera-se que elas correspondam.

A culpa imposta é um sentimento incômodo, uma espécie de peso que carregamos e do qual não conseguimos nos desvencilhar. Cola-se ao nosso corpo interior. Nos julga como se dentro de nós e acima de nós estivesse uma espada que pode decepar nossa cabeça ou ferir nosso corpo. Na realidade, nem culpa nem espada são reais, visto que não correspondem a uma ação determinada. Culpa é um afeto, um sentimento, uma emoção interiorizada capaz de modelar nossos comportamentos. Ela vem de fora, dos outros, dos costumes da sociedade, mas vem também de nós, que acolhemos em nosso corpo as

vis imposições que massacram nossa liberdade. Em nome do que chamam liberdade, tornamo-nos escravas de poderes vários.

A culpa pode nos fazer consentir e nos submeter, como pode nos fazer insurgir contra ela mesma e buscar outro caminho. Ainda que na busca de um novo caminho fique sempre um resquício incômodo, como uma nova acusação de rebelião que certamente produz seus efeitos negativos mesmo se mitigados pelas novas escolhas, ela, a culpa, parece estar à nossa espreita.

Tantas mulheres culpadas porque não cuidaram bem de seu pai, porque não dedicaram mais tempo a um filho ou a uma filha, porque não renunciaram ao prazer de uma festa para ficar em casa, porque ao não deixar de lutar pela libertação de outros, tiveram que abandonar a universidade.

Culpadas!

Sim, culpadas por não serem perfeitas!

Culpadas porque sempre deveriam ter feito isto ou aquilo.

Mas quem são os juízes que presidem os tribunais das culpas femininas?

Na velhice, apesar da proximidade do fim da vida, alguns fantasmas do passado ainda invadem nossa memória. Sem querer, atormentam-nos como se testemunhassem a imperfeição passada e presente de nossas vidas, como se nos recordassem, apesar de nossas justificativas críticas, que outrora pecamos contra a ordem estabelecida.

Agora podemos até rir desses sentimentos e argumentos, dar-lhes menos importância porque já não há mais tanta força sobre nós. Mas sempre fica algo de seu nefasto perfume!

Lembro-me do quanto refleti sobre a culpa quando preparava meu mestrado em teologia. Este foi meu assunto de tese. Aprendi muito refletindo, mas nem tudo o que aprendi intelectualmente consegui assimilar em meu cotidiano. Ficam sempre as marcas do passado misturadas às belezas do desenrolar da vida.

Não ter culpa de ser feliz... Será isto possível diante das prisões, dos campos de refugiados, dos famintos e errantes, das lágrimas das crianças desnutridas?

# UM NOVO ENCONTRO COM A RELIGIÃO

Constato que a forma de minha religião e, portanto, de minhas crenças mudou na velhice. Acredito que todo o percurso de minha vida preparou-me para esse momento. Sinto-me religiosa, porém nua de dogmas religiosos.

Estranha sensação. É como se eu tivesse carregado nas costas uma sacola cheia de exigências vindas do Altíssimo, vindas da igreja, sempre em vistas de minha salvação. Havia nessa sacola catequese, catecismo, missa, confissão das minhas culpas, comunhão, sacrifícios, medos de castigos, orações acumuladas. Com o tempo, fui atirando esta bagagem sacola afora como se fossem objetos que já não me serviam mais. A sacola ficou vazia de exigências e perfeições e pude caminhar com mais leveza interior.

Porém, ela foi se enchendo de outras exigências que a realidade foi me mostrando. E percebi o quanto a ética que descobrira nos Evangelhos não só estava na minha sacola, mas, como era uma espécie de critério de ação em minha vida. O peso era outro porque me convidava a uma coerência de vida para além dos discursos religiosos.

Situo-me na ética cristã, como uma espécie de lanterna que na escuridão me fornece alguma luz. Repito em mim o que li muitas vezes no Evangelho de Mateus, 25, como um ideal quase inalcançável, mas sem o qual a vida não é possível: “Eu tive fome e me deste de comer/ Eu tive sede e me destes de beber/ Eu estava nu e me vestiste/ Eu era prisioneiro e me visitaste...” É um critério talvez até poético porque o repetimos sem cessar durante séculos e o número de famintos e sedentos cresce em escala geométrica.

Estas palavras do Evangelho me orientam e me perturbam.

Me acariciam e me agulham.

Me levam a ira e ao amor.

Não sei bem se tenho prática religiosa, embora esteja em uma congregação religiosa. Prática religiosa pode ser algo silencioso, sem palavras. Não sei se meu Deus é o clamado pelos pobres ou pelo papa. Deus é um suspiro constante em mim, como se aliviasse as muitas opressões que sinto diante da falta de respostas, diante dos campos de injustiça plantados em nosso meio. Deus é meu suspiro ao escutar o som de seu nome pronunciado desde as minhas entranhas, um som que é só meu.

Às vezes, tenho vontade de refugiar-me num mosteiro, mas raramente visito algum, sobretudo nesses tempos difíceis.

Gosto dos claustros pelo silêncio que impõem, pelas velhas evocações que provocam.

Gosto de sentir o cheiro velho de mistura de incenso com outros indefiníveis odores. É como se este ambiente religioso me abrigasse de qualquer prática religiosa e me convidasse à liberdade do silêncio.

A velhice convida ao silêncio. Convida à entrada em si mesmo. Convida a despedir-se das muitas palavras pronunciadas, a recolher-se. O silêncio se torna agradável. Chego até a parar a cadeira de balanço para silenciar seu monótono vai e vem. É um silêncio reconfortante, por que não dizer alegre.

Alegria?

Alegria sem explicação. Apenas um estar aí.

Será este meu novo encontro com a religião? Com qual religião?

Já não me sinto atraída por discursos religiosos nem com deveres de missa, de confissão, de rosários da oficialidade católica. Não sou devota de ninguém em especial, embora me dedique em alguns momentos a estudar algumas vidas de mulheres cristãs que não sucumbiram sob o peso da Inquisição de ontem e de hoje.

É como se eu vivesse, ao mesmo tempo, dentro e fora de uma instituição poderosa como a Igreja Católica.

Dentro porque recebi muito dela através de pessoas maravilhosas que encontrei ao longo de minha vida.

Fora porque não suporto mais as repetições, as contradições, os obscurantismos e as ilusões que ainda muitos clérigos e leigos impõem aos fiéis. Sei bem que a religião pode ser uma tábua de salvação. Mas essa tábua do jeito que está não levará longe. Está repleta de cupins que se apossaram dela e a usam indiscriminadamente. Se pudessem voltar à simplicidade. Se parassem com tantos discursos e tantas músicas misturadas de mentiras para atrair jovens e menos jovens! Talvez pudesse ser diferente.

É uma hipótese?

Prefiro ficar no meu silêncio. É ele que nesse momento me envolve e apazigua.



## AS SUAVES GOTAS DA ESPERANÇA

A palavra esperança é constituída por expectativas acariciantes, por desejos positivos, por acontecimentos talvez grandiosos que virão e nos beneficiarão. Na maioria das vezes, não percebemos que nossas esperanças são marcadas pelas contradições da vida. A esperança de alguns pode ser a desgraça de outros. Por isso não se pode arrancar a esperança do solo contraditório da vida como se ela fosse um oásis

perfeito, a terra prometida para todos, a terra sem males que imaginamos, a felicidade da qual todos poderão gozar.

Na velhice percebemos com agudeza que nossas esperanças se misturam à nossa bondade e nossa maldade. Nada é bom em si mesmo. Destruímos esperança e estabilidade de uns e outros. Roubamos sonhos e esperanças uns dos outros. Roubamos suas terras e suas vidas. Roubamos sua cultura e sua história colonizando-os para que nossas esperanças de grandeza e dominação se realizem. Podemos até ler nos livros de

História: “Como foi grande a esperança daquele povo que se apossou das terras férteis de povos bárbaros!”. Apesar disso, somos invadidos por uma espécie de ingenuidade de que algo chamado esperança poderá modificar o caráter ambíguo e egocêntrico de nossas buscas.

Ingenuamente, frente aos limites da vida, muitos falam de esperança. Reagem a qualquer tristeza, tragédia ou até a constatação de alguma dificuldade dizendo “Afimil é preciso ter esperança”. Ultimamente, tenho percebido que se começou a fazer da esperança não mais uma situação almejada, mas um verbo. Fala-se do verbo esperar. Este passa a ser um verbo em movimento, um verbo ativo e continuamente renovável, um verbo conjugável em todos os tempos e de muitos modos. Embora entenda estas mudanças semânticas, por vezes, temo a rapidez com que são expressas. Substitui-se uma palavra por outra, uma expressão por outra semelhante, mas não estou segura de que há de fato mudança nas nossas atitudes.

No fundo de mim mesma prefiro ainda guardar a palavra esperança com suas ambiguidades a conjugar o verbo esperar. Talvez minha velhice tenha se habituado às renovadas esperanças com as quais vivi e não vejo muito o que minha experiência pessoal ganharia com a mudança. Suspeito que a aparente fuga de uma visão estática da esperança não seja efetiva.

Qual é a esperança na velhice?

Penso que não se trata de redefinir a esperança, mas de situá-la na experiência cotidiana. Acolher isto que chamamos de esperança dentro dos limites de nossa vida. Por isso, na velhice, tenho distinguido as pequenas esperanças das grandes. Sinto as grandes esperanças muitas vezes perigosas porque são capazes de iludir. As pequenas esperanças são pequenos desejos e ações possíveis. É como plantar uma semente e esperar que germine. É como fermentar a farinha e esperar que a massa levede. É como cavar o chão e sentir que a água vem vindo devagarinho. É como esperar um filho e ele chegar com saúde depois de longa ausência. Na velhice estas pequenas esperanças têm força e dão força.

As grandes esperanças são teorias grandiosas sobre nós. Englobam muitas coisas e nem sempre nos indicam caminhos de possibilidades reais. “Queremos justiça para todos!”, “Buscamos o amor universal!”, “Pátria livre ou morte!” e “Liberdade, Igualdade, Fraternidade!” O tom é de uma grandeza pretenciosa.

Para quem o tempo passou e o passado virou história na memória, essas esperanças gerais afirmadas como bons desejos universais e bons sentimentos parecem plantas de plástico que se colocam nas lojas dos shoppings ou à nossa mesa. Têm beleza artificial. Não têm vida própria. Não servem para comer, beber e abraçar, apenas para olhar e ter ilusões.

A esperança na velhice é pequena. É cotidiana. É renovável hoje e no dia seguinte. É esperança realizável. É o bolo que se fez para os netos que virão à tarde. É o doce que saiu no ponto certo. É a sandália que se comprou para a filha da vizinha que estava necessitada. É o cuidado que se teve com o filho daquela senhora diarista que precisava ir ao médico.

É a poesia que acabamos de ler...

É o texto escrito, a roupa lavada, o almoço preparado, o encontro com a amiga amanhã.

Será mesmo que falo de esperança ou de pequenos gestos de ternura?

Por acaso estive confundindo as palavras?

Traíndo seu significado próprio?

Abandonando os grandes ideais da esperança e da salvação da humanidade? Não sei..., não sei.

Na velhice as palavras bonitas se misturam. O gostei com o amei, o esperei com o abracei, o desejei com o realizei. Há uma inevitável salada de palavras e de nomes porque o que importa não é mais a pureza dos conceitos, mas as pequenas ações em favor da vida.

A esperança na velhice é a obediência às belezas possíveis.

É o encontro imediato de olhares de ternura.

É degustar doces, pequenos bocados que a vida oferece.

É saber que a luta pela dignidade da vida é continuada e renovada pelas novas gerações.

Parece tão pouco, mas é mais ou menos isso que nós, velhas, ou melhor algumas velhas, experimentamos no cotidiano da esperança de cada dia.



# ANTES QUE AS ESTRELAS DESAPAREÇAM: UMA BREVE CONCLUSÃO

Faz escuro, mas meus olhos estão abertos.

Há uma névoa espessa que pode ser vista através da minha claraboia.

Gostaria muito de ver as estrelas.

Esta noite espero por elas.

Ver apenas algumas me satisfaria. Não sei se é a posição de minha claraboia ou a poluição da cidade ou as dores em meu pescoço ao erguer a cabeça, mas ultimamente está difícil vê-las no céu. Não sei onde se esconderam...

Algumas vezes, vi o céu intensamente salpicado de estrelas. Não foram muitas vezes... O espetáculo é de cortar a respiração de tão bonito. Elas têm uma força de atração incrível. E quando a gente se fixa em sua luz, mal se consegue voltar a olhar o chão em que pisamos.

Nesta noite em que as desejo tanto, ainda parecem adormecidas...

Estrelas dormem de dia e acordam à noite. Mostram caminhos a partir do céu. Gostam que nós as olhemos e adivinhemos sua linguagem. Mas não sabemos entendê-las e nem caminhar com os pés através dos seus rastros luminosos. Apenas a imaginação pode tentar tal façanha de aventuras desconhecidas.

Minha imaginação tentou conversar muitas vezes com as estrelas, mas parece que a sua falta nos céus na grande cidade em que vivo torna o aprendizado dessa conversa limitado. Quase não olho mais o céu à noite. Olho a televisão, o computador e o celular que, às vezes, mostram o que eram as estrelas. Mas não é algo frequente. É como se apenas olhássemos a foto de alguém que amamos sem sua presença real junto de nós.

Poetas já conversaram muito com estrelas. Místicas também. Pastores igualmente buscaram seus sinais até encontrar uma criança recém-nascida que lhes sorriu de sua manjedoura de palha.

Estrelas mostram crianças sorrindo.

Mostram caminhos.

Revelam pequenas alegrias.

Olhei de novo fixamente para minha claraboia. O cinza escuro do céu parecia cada vez mais espesso. Na realidade, eu não via o céu das estrelas porque elas estavam encobertas de monóxido de carbono, da poluição que nós produzíamos. A terra que queimamos, as milhares de árvores que cortamos diariamente, os rios que desviamos de seu curso, as fontes de água que secamos, as riquezas que extraímos sem respeito à terra e aos céus produziram gases tóxicos que encobriram as estrelas. Fomos nós que afastamos as estrelas de nosso convívio. Roubamos sua luz, suas formas, suas indicações e inspirações poéticas amorosas.

Quem abrirá essa cortina de fumaça para que as estrelas voltem a brilhar? Quem devolverá seu brilho e o odor das noites de céu estrelado de poesia?

Lembro-me de dois espetáculos feéricos que algumas estrelas me mostraram. Uma vez, nos anos sessenta, fui a Ubatuba e com as amigas que estavam comigo tomei um banho de mar à noite. Boiar nas águas calmas do mar e olhar o céu foi uma das sensações mais lindas que vivi. Um espetáculo para os olhos, para o corpo. Permanecemos boiando em silêncio como se não quiséssemos perder nenhum instante daquele êxtase único. Cada uma de nós falava em silêncio com as estrelas!

Outra vez, eu estava em África, no Chade, no final dos anos oitenta. Estávamos numa aldeia perto de Domo numa noite lindíssima. Sentei-me no chão como as outras pessoas convidadas e nossos anfitriões falavam, falavam e ouviam-se e riam. Disseram-me que estavam contando histórias dos antigos. Mas eu não entendia nada e apenas olhava o céu. Nunca vira tantas estrelas juntas. Brilhavam como se fizessem eco às vozes e aos risos dos habitantes daquele lugar. O coração parecia que ia saltar de meu peito de tanta beleza. Embora eu não entendesse o que falavam, achei lindíssimo contar histórias iluminadas pelas estrelas. E não eram histórias para as crianças. Eram histórias de adultos para adultos quando as crianças já estavam dormindo.

Será que veremos de novo a beleza das estrelas brilhando aos milhares? Não é saudosismo.

Estrelas somos também nós. Vivemos do calor de uma estrela de quinta grandeza. Imaginem, ter corpo de estrela! Crescer através do calor de uma estrela. Ser estrela e matar estrelas. Por que somos assassinos de estrelas assim como assassinos de florestas, de animais, de pessoas como nós?

Quem nos ajudará a parar a demência mortal que nos atinge?

Na juventude, temos receitas para muitas coisas. Na velhice, apesar do aprendizado dos anos, perdemos o caderninho de receitas. Toda a tentativa de recuperá-las ou de inventar outras é meio incerta. Sempre falta algum ingrediente ou uma peça no quebra-cabeças da vida. Uma sensação estranha se apossa de mim.

Será que receitas para viver melhor existem?

Não creio... E não as possuo. Perdi todas as que recebi ao longo da vida.

Preparo apenas a comida para o dia de hoje. Busco algum reflexo da luz das estrelas na noite de hoje. Elas emitem ainda em meu corpo luzinhas como as dos pirilampos e notas musicais suaves como cantigas de ninar. E posso dizer, como o poeta João Cabral de Melo Neto, “Faz escuro mas eu canto!”

# AGRADECIMENTOS

Cheguei até aqui...

Tanta gente me deu a mão no passo do passado, do presente e, certamente, no passo do futuro.

Sigo equilibrista e grata nos caminhos da vida por tudo o que recebi.

P.S.: E nesse canto reitero meu obrigada à Claraboia, acontecida como um presente inesperado responsável por iluminar minha casa-corpo.

Ivone Gebara  
Setembro 2021

Esta obra foi composta em Utopia e Gotham e impressa em papel pólen para a Editora Claraboia.

[1] *Apud* RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013, p. 268.

[2] Acesso em 10 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dwSbpf7A7XE>



Sou uma andarilha paulistana,  
professora e aprendiz da vida.  
Tornei-me andarilha muitos anos  
atrás. Queria combater pela justiça  
social andando pelo mundo.  
Levantei a bandeira dos pobres,  
da dignidade das mulheres e  
em seguida percebi as dores do  
planeta e de seus muitos biomas  
destruídos por nossa ganância.  
Do sudeste fui ao nordeste e  
do nordeste para muitos lugares do  
pequeno grande planeta.

Sabedorias, belezas frágeis e  
muitas dores convivem comigo.  
A velhice não mudou a geografia  
interior de meu corpo, apenas  
acentuou e acrescentou rugas e  
novas fragrâncias. Sonhos ainda  
tenho, mas já não me importo de  
vê-los realizados. A vida segue  
sempre adiante...



Gracias a la VIDA!

“Como é duro e, ao mesmo tempo, gratificante desobedecer! Por aí tracei meus caminhos.”

Os traços de Ivone irradiam vida, luta, justiça e esperança. Tornou-se freira aos vinte e dois anos, optou por viver ao lado daqueles que mais necessitam, foi silenciada pelo Vaticano, é feminista e favorável à legalização do aborto. São mais de sete décadas vivendo a desobediência com a energia dos adolescentes que teimam em acreditar na esperança e num mundo menos desigual e opressor. Neste livro, Ivone reflete sobre o seu agora: habitar a velhice, nas suas palavras, enquanto a lucidez ainda a habita. E o faz desenhando seu próprio traço: nomeando o envelhecer numa sociedade que não aceita e não cuida dos seus mais velhos. “O mundo capitalista inventou muitas atividades para idosos, mas nenhuma que preencha o vazio que se apossa de muitos de nós. O que é mesmo este vazio que poucos ousam enfrentar e partilhar?”

Generosa, Ivone compartilha conosco uma vida que tem sido vivida integralmente e na sua integridade: na troca com o próximo, nas amizades, no diálogo com a filosofia, no exercício cotidiano do ecofeminismo, no método das perguntas, numa casa-corpo que não se dobra diante das opressões. Numa ética em que “me convidava a uma coerência de vida para além dos discursos religiosos”.

“Somos responsabilidade coletiva”, ela diz. E é nesta frase que toda a sua vida transborda e nos afeta.

 @editoraclaraboia  
 editoraclaraboia  
[www.editoraclaraboia.com.br](http://www.editoraclaraboia.com.br)

CLARABOIA